

UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
DACEC – Departamento de Ciências Econômicas, Contábeis e Comunicação
Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo

A INFLUÊNCIA DOS DESENHOS ANIMADOS NO COMPORTAMENTO
VIOLENTO DAS CRIANÇAS: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA BOM DIA & CIA
DO SBT

SABRINA ROSIELE BERTOLLO

Ijuí/RS
2013

SABRINA ROSIELE BERTOLLO

**A INFLUÊNCIA DOS DESENHOS ANIMADOS NO COMPORTAMENTO
VIOLENTO DAS CRIANÇAS: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA BOM DIA & CIA
DO SBT**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Formatado: Espaçamento entre linhas: simples

Orientação: Prof. Esp. Felipe Rigon Dorneles

Ijuí/RS

2013

Formatado: À direita

Agradecimentos

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Depois de seis anos de faculdade, a lista de quem contribuiu para que a minha formação fosse possível é muito grande, e impossível de citar todos aqui. Mas em primeiro lugar eu agradeço a Deus, por ter me permitido chegar até aqui e enfrentar as tantas dificuldades que surgiram no caminho, sem me deixar desistir.

Agradeço aos meus pais, Celço e Berenice, que sempre acreditaram em mim e não mediram esforços para tornar meu sonho possível. Sempre me ajudaram com tudo o que estava ao alcance, e muitas vezes foram além do que podiam para me proporcionar o melhor. Este é um pequeno muito obrigado, porque o maior agradecimento vai vir com o tempo, tenho certeza disso. Obrigada por tudo, tudo mesmo, não existem palavras para expressar o que vocês significam para mim.

Também ao meu irmão Samir e minha cunhada Francieli, pelas tantas viagens até Ijuí, pelas tantas folhas de ofício, pelos tantos empréstimos de impressora, de internet, enfim, por tudo o que vocês fizeram nestes seis anos. Sou muito grata, e espero do fundo do meu coração poder recompensar de alguma forma.

Agradeço imensamente uma pessoa especial para mim, meu amigo, confidente, parceiro, e tudo de melhor que alguém pode ser, Thiago Costa. Obrigada por tanto me ouvir, me aconselhar, me acalmar e, é claro, me ajudar a encontrar o significado das palavras difíceis, mesmo com tantos mil quilômetros de distância. Tudo o que

você fez e faz por mim, passe o tempo que for, vai ficar marcado. Tens meu eterno agradecimento.

E agora, quero agradecer aqueles que mostraram a parte mais feliz que se pode encontrar em alguém: os amigos que eu fiz na faculdade. Impossível citar nomes, mas cada um sabe da importância que tem em minha vida. Fizeram-me rir e chorar, de tanta felicidade. Eu amo cada um de vocês que fizeram parte dessa caminhada, e tenho certeza que vão continuar fazendo. Aqueles que por algum motivo pararam no meio do caminho, ou trocaram de curso, mas que mesmo assim, continuaram com a amizade. Muito obrigada.

Mas, como sempre, tem aqueles que merecem um destaque especial, quero agradecer minha melhor amiga de faculdade, Emeli Merten, com quem compartilhei histórias hilárias. Obrigada amiga, por me aturar e estar sempre do meu lado. Também de forma especial ao Gabriel Garcia. Impossível agradecer por tudo, mas muito obrigada por me mostrar o quanto uma amizade é válida. Também quero agradecer a dois Jo's especiais, o Jonatan Bueno e o Jonathan Padilha, que integram essa equipe de quatro amigos mais que especiais. A vocês quatro, quero agradecer pelo apoio e pela compreensão nas inúmeras vezes em que tive que deixar de fazer qualquer coisa com vocês, pra ficar em casa escrevendo. Quero levar vocês para sempre, onde eu for.

Agradeço também a duas pessoas especiais, que em 2012, quando fui morar sozinha pela primeira vez, assumiram o papel de pai e mãe, e me fizeram companhia nos momentos em que eu mais precisei: Cleocir e Luciana. Vocês tornaram tudo mais fácil, mais simples e muito mais divertido.

Aproveito para agradecer também a toda equipe da Unijuí FM, que acreditou no meu trabalho durante mais de dois anos. Também agradeço a equipe da TV Ijuí es especial ao Chico e a Nadia, que abriram as portas para que eu começasse a realizar meu sonho de trabalhar em televisão. Agradeço de forma muito especial a todos os professores do Curso de Comunicação, que durante esses anos compartilharam os melhores ensinamentos. De forma especial, André

Gagliardi, Márcio Granez, Celestino Perin, Lisandra Steffen, Melissa Gressler, Felipe Dorneles, Vera Raddatz, e ao querido Paulo Scortegagna, que desde o primeiro dia de aula me fez ter a certeza de que eu estava no curso certo. Meu agradecimento também aos meninos do áudio, o João Rafael e o Célio, pela paciência.

Meu muito obrigada também a minha ex-colega Carine Da Pieve, que me deu as primeiras ideias de 'por onde começar' a monografia, e também me ajudou nas correções finais.

Enfim, eu poderia preencher páginas e páginas, e ainda assim faltaria espaço para agradecer a todas as pessoas que contribuíram na minha formação acadêmica. Mas, o meu obrigada, de forma muito especial, é para o meu orientador, professor Felipe Dorneles, que, com toda a paciência do mundo me ajudou e me orientou para que o trabalho de conclusão de curso fosse desenvolvido da melhor maneira possível. Muito obrigada mesmo, por tudo. Agradeço também ao querido Celestino Perin, que aceitou compor minha banca avaliadora, obrigada por tantos ensinamentos.

Vou sentir falta desses mestres!

Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais (SANTAELLA, L.; NÖTH, W., 1998).

RESUMO

A INFLUÊNCIA DOS DESENHOS ANIMADOS NO COMPORTAMENTO VIOLENTO DAS CRIANÇAS: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA-BOM DIA & CIA DO SBT

Desde que a televisão chegou ao Brasil, nos meados de 1940, causou diversas reações entre as pessoas, que tinham, e ainda tem esse como o principal meio de comunicação e entretenimento. Porém, mesmo sendo um meio tão atraente e sedutor, pesquisadores e estudiosos desde o surgimento vem estudando e questionando as influências que a televisão pode causar nas pessoas.

Neste estudo, de forma especial, o foco são as mudanças que esse meio pode trazer no comportamento das crianças, que gastam em média três horas por dia com os meios de comunicação. Nesse sentido, questionou-se porque a televisão atrai tanta atenção das crianças, principalmente as cenas que contém violência. Com base nessa questão, o tema torna-se importante academicamente para analisar qual é a programação que uma emissora de canal aberto, que qualquer um pode ter em casa, como o SBT, coloca ao ar todas as manhãs.

O objetivo central deste estudo é verificar se algumas cenas exibidas nos desenhos animados que contemplam a grade de programação do programa Bom Dia & Cia do SBT podem influenciar no comportamento agressivo e violento de algumas crianças.

Para obter essa resposta, o estudo foi realizado com base em alguns autores, que explicam teorias, como a da comunicação, desde o seu surgimento, e outras que completam o processo de comunicação. Mas, para além das leituras, foi realizado um acompanhamento da grade de programação infantil exibida na parte da manhã, a fim de verificar se os desenhos realmente mereciam ou não ser questionados.

Devido às cenas de violência observadas, concluiu-se que o estudo devia ser levado a diante, para saber também qual é a opinião das próprias crianças sobre o que estão acostumados a ver todas as manhãs. Para isso, constituiu-se um grupo de foco, composto por dez alunos, que debateram sobre a programação infantil do SBT e relataram sua opinião.

Através deste estudo, identificou-se que a maioria das crianças são influenciadas de forma negativa pelos desenhos que assistem, alguns com mais outros com menos poder, mas a maioria a ponto de acreditar que, assim como seus heróis televisivos, podem ter superpoderes e imitar as cenas que assistem. A solução para tal problema ainda não pode ser totalmente identificada, mas estudos como estes, que ainda poderão surgir, dão conta de buscar algumas alternativas para minimizar o problema.

PALAVRAS-CHAVE: TV. Desenhos animados. Crianças. Comportamento. Violência.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0
cm

ABSTRACT

THE INFLUENCE OF CARTOON IN VIOLENT BEHAVIOR OF CHILDREN: A REVIEW OF GOOD PROGRAMME DAY & THE CIA SBT

Since television came to Brazil in mid- 1940 caused mixed reactions among people who had , and still has this as the primary means of communication and entertainment . But even with such an alluring and seductive, researchers and scholars since the rise has been studying and questioning the influence that television can have on people through.

In this study, a special way, the focus is on the changes that this medium can bring in children's behavior, they spend on average three hours a day with media. In this sense, wondered why the television attracts much attention of children, especially the scenes containing violence. Based on this question, the theme becomes academically important to analyze what is the programming that a station open channel that anyone can have at home, such as SBT puts to air every morning.

The central aim of this study is to verify if some scenes shown in the cartoons that include the program schedule of Bom Dia & Cia SBT program can influence aggressive and violent behavior in some children.

For this response, the study was conducted based on some authors, that explain theories, such as communication, since its emergence, and others that complete the communication process. But, in addition to the readings, monitoring of children's programming grid appears in the morning was done in order to verify that the drawings really deserved or not be questioned.

Due to scenes of violence observed, it was concluded that the study should be taken on, to also know what is the opinion of the children themselves about what they are accustomed to seeing every morning. To do so, constituted a focus group composed of ten students, who discussed the children's program of SBT and reported their opinion.

Through this study, we found that most children are influenced negatively by watching cartoons, some more than others with less power, but most enough to believe that just like their TV heroes, may have superpowers and imitate the scenes they watch. The solution to this problem still can not be fully identified, but studies like these, which may still occur, realize some seek alternatives to minimize the problem.

KEYWORDS: TV. Cartoon. Children. Behavior. Violence.

Formatado: À esquerda

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 A TRAJETÓRIA E O ADVENTO DA COMUNICAÇÃO.....	12
1.1 O PAPEL DA TELEVISÃO NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA	17
2 TELEVISÃO PARA CRIANÇAS: O MUNDO ONDE TUDO É POSSÍVEL	19
2.1 PICA-PAU: O PRIMEIRO DESENHO ANIMADO EXIBIDO NA TV BRASILEIRA	23
2.2 TELEVISÃO E A INFLUÊNCIA NO PROCESSO COGNITIVO DAS CRIANÇAS ..	25
2.3 ESTUDO DE CASO DO SBT, A FORMAÇÃO DA EMISSORA	31
2.4 OS PROGRAMAS INFANTIS QUE FIZERAM HISTÓRIA NO SBT	33
3 FOCUS GROUP: UMA ANÁLISE DA OPINIÃO DAS CRIANÇAS COM RELAÇÃO Á LIBERDADE E AO CONTEÚDO	
DOS DESENHOS.....	38
3.1 RECEPÇÃO SOLITÁRIA: PAIS NÃO COSTUMAM ASSISTIR DESENHOS COM OS FILHOS	41
3.2 COMPORTAMENTO ESPELHO: A NECESSIDADE DAS CRIANÇAS IMITAREM O QUE ASSISTEM NA TELEVISÃO	42
3.3 O GOSTO POR CENAS DE VIOLÊNCIA	43
3.4 A CONSCIÊNCIA COMEÇA A SURGIR	44
3.5 O OLHAR DA PSICOLOGIA	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
ANEXOS	52

INTRODUÇÃO

A influência que os meios de comunicação exercem na sociedade sempre foi um tema polêmico, de opiniões divergentes. Para alguns, os meios de comunicação são vistos como o principal meio de entretenimento, proporcionando diversão e informação, sem causar influências negativas. Para outros, os meios de comunicação manipulam e podem ser os vilões da sociedade.

O principal objeto de estudo nessa pesquisa são as crianças, e a influência que os meios de comunicação podem causar nesse público, principalmente no que diz respeito às questões relacionadas à violência.

Ainda é impossível afirmar ao certo porque as crianças passam tantas horas assistindo a televisão, se é por causa do tempo ocioso, ou por pura diversão.

É comum encontrar em livros relacionados á crianças dados que comprovam que estimativa da média do tempo total gasto com todos os meios de comunicação, entre crianças e jovens de nove a 18 anos, é de cerca de quatro a seis horas por dia. Esse número aumenta com a idade, uma vez que os adolescentes escutam mais música. As crianças mais novas, entre três e oito anos, gastam em média três horas por dia com os meios de comunicação.

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo geral de identificar se os desenhos animados exibidos na grade de programação do Sistema Brasileiro de Televisão, SBT, influenciam no comportamento agressivo das crianças. Para que seja possível essa identificação, foi realizado um estudo qualitativo com um grupo de crianças. Outro foco do estudo é entender se o uso de cenas violentas chama mais atenção das crianças e resultam no aumento da audiência da emissora.

Já de forma específica, essa análise busca verificar o conteúdo dos programas infantis, se o que está passando todas as manhãs, em uma emissora de canal aberto e ao alcance de qualquer criança, realmente é o que elas gostariam de estar vendo.

Desenhos como “O pequeno príncipe”, “Cavalo de fogo”, “A Princesa dos Cabelos Mágicos”, “Os Flintstones” e “O Fantástico Mundo de Bob”, foram deixados para trás. A pureza destes desenhos, hoje foi substituída pelas cenas de luta e briga dos desenhos atuais.

Este estudo será desenvolvido com base em pesquisas bibliográficas baseadas em autores que fundamentam teorias que ajudaram no surgimento da comunicação, como a

Teoria Crítica, baseada na Escola de Frankfurt. Em seguida, os estudos discorrem acerca da Teoria da Recepção, que considera o receptor como agente ativo no ato comunicativo. Posterior a esses estudos, serão analisadas discussões feitas em uma pesquisa de campo, através do método conhecido como Grupo de Foco. A pesquisa é de caráter qualitativo e possibilitou a troca de informações e opiniões pelos integrantes do grupo.

Por se tratar de um tema tão amplo e polêmico, este estudo poderia se desenvolver através de várias hipóteses, como por exemplo, se o uso de cenas de violência nos desenhos animados pode chamar mais atenção das crianças. Outra hipótese seria a de que a maioria do público infantil, principalmente do sexo masculino, prefere desenhos que tenham mais ação, que conseqüentemente se dá através de brigas entre personagens, e incentivo à violência. E por fim, o horário em que o SBT exibe desenhos animados é na parte da manhã, turno em que grande parte das crianças fica em casa, e por ser uma das únicas emissoras de TV aberta que ainda mantêm uma programação voltada ao público infantil, as crianças podem não ter muitas opções do que assistir.

Com base nessas hipóteses, este estudo traz, num primeiro momento, uma abordagem teórica sobre o surgimento e o significado da comunicação. Estudando vários autores, o primeiro capítulo vai abordar também algumas teorias que foram essenciais no processo de formação do termo comunicação. Ainda neste capítulo, será possível conhecer o surgimento da televisão e como esse meio foi entrando na vida das pessoas. O capítulo ainda vai discorrer sobre o fascínio que diferentes públicos têm por esse meio de comunicação, independente de ser criança ou não.

No segundo capítulo os estudos serão mais específicos sobre os poderes que a televisão exerce sobre as crianças, além de analisar se esse meio realmente influencia no comportamento agressivo de cada um. A identificação das crianças com o que os personagens estão fazendo na telinha também será um item discutido no capítulo, que faz um estudo mais detalhado sobre o que chamamos de “mito televisivo”.

Ainda no segundo capítulo, o foco gira em torno do desenho animado “*Pica-Pau*”. Essa análise justifica-se porque este foi o primeiro desenho exibido na televisão brasileira. Para esta análise traremos referências de diversos autores, sobre o que realmente está por trás deste desenho, e que muitas vezes, ou, na maioria das vezes, não somos capazes de identificar. No capítulo ainda será analisada a influência da televisão no processo cognitivo das crianças, ou seja, se este meio de comunicação tem ou não a capacidade de afetar e formar o processo cognitivo afetivo e motor do público infantil. Para isso, há relatos e artigos de outros autores, que contam sobre os resultados obtidos por eles nos estudos.

Outra importante pesquisa será desenvolvida dentro deste capítulo: o estudo de caso sobre o SBT, trazendo dados de como a emissora surgiu, como está atualmente, e a grade de programação infantil exibida todas as manhãs.

O terceiro capítulo vai apresentar um estudo de campo, através do método conhecido como *Focus Group*, ou, Grupo de Foco, desenvolvido com crianças de oito a 12 anos, através de entrevistas individuais, depois de terem assistido a alguns desenhos animados que compõe a grade de programação infantil do SBT. Neste capítulo será possível observar algumas características comuns às crianças, como o gosto por cenas de violência, a ausência dos pais na hora de assistir televisão e a vontade das crianças imitar o que assistem na televisão.

Para finalizar, será desenvolvida a conclusão de tudo o que foi estudado, com resultados observados através de teorias dos autores e também através da prática observada entre as crianças.

1 A TRAJETÓRIA E O ADVENTO DA COMUNICAÇÃO

A comunicação pode ser vista de diversas formas. Ela tem uma existência sensível, é de domínio real, trata-se de um fato concreto do cotidiano, dotada de uma presença quase exaustiva na sociedade contemporânea. Se analisarmos com cuidado, ela está aí, nas bancas de revista, na televisão da nossa casa, no rádio dos carros, nos *outdoors* da cidade, nas campanhas dos candidatos políticos e assim por diante. De acordo com França (2001), se estendermos um pouco mais os exemplos, vamos incluir nossas conversas cotidianas, as trocas simbólicas de toda ordem (da produção dos corpos as marcas de linguagem) que povoam nosso dia a dia.

Os primeiros estudos específicos sobre o significado da comunicação e sobre os meios de comunicação começaram a ser feitos no início do século XX. O real conhecimento sobre a comunicação é marcado pela urbanização crescente do mundo, bem como pela fase de consolidação do capitalismo industrial e pela instalação da sociedade de consumo. Porém, é nos Estados Unidos, em 1930, que começa a ser desenvolvido um estudo com a finalidade de analisar os meios de comunicação de massa, bem como seus efeitos e funções. Esses estudos ficaram conhecidos como *Mass Communication Research*, que inauguraram o surgimento da Teoria da Comunicação. A partir daí, abre-se um leque para que diversos autores de todas as partes do mundo investiguem o surgimento e o significado da comunicação, bem como seus efeitos e funções sobre a sociedade.

A comunicação, ao permitir o intercâmbio de mensagens, concretiza uma série de funções, dentre as quais: informar, constituir um consenso de opinião - ou, ao menos, uma sólida maioria - persuadir ou convencer, prevenir acontecimentos, aconselhar quanto atitudes e ações, constituir identidades, e até mesmo divertir (HOHLFELDT, 2011, p.63).

Sendo assim, fica claro que a comunicação, que tem diferentes significados, tem além do papel de informar, a função de persuadir e divertir, e conseqüentemente criar efeitos na opinião e nas ações das pessoas, sejam esses efeitos positivos ou negativos, a curto, a médio ou em longo prazo.

Seguindo essa linha de pesquisa, Araújo (2012) dá sua opinião acerca do conceito de comunicação. Ele cita a ajuda recebida nos anos de 1920 do Fundo Payne, um projeto do Sociólogo Herbert Blumer que alertou para o perigo do efeito de filmes sobre as crianças e adultos jovens. O projeto incluiu mais de 18 cientistas sociais que produziu onze relatórios publicados. O fascinante estudo de Blumer: Filmes e Conduta (Movies and Conduct, 1933), inclui mais de 115 autobiografias de estudantes de escola secundária e faculdade sobre suas experiências com assistência de filmes. Ele revelou que o cinema ensina as crianças coisas como estilo de vida, penteados, o modo de beijar, até mesmo como bater carteiras. Nessa época, o Fundo Payne começou a financiar estudos empíricos sobre os efeitos da comunicação de massa, em um primeiro momento, sobre a influência do cinema nas crianças, tema que também gera diferentes pontos de vista entre os autores.

A comunicação é apresentada como um sistema no qual uma fonte de informação seleciona uma mensagem desejada a partir de um conjunto de mensagens possíveis, codifica esta mensagem transformando-a num sinal possível de ser enviada por um canal ao receptor, que fará o trabalho do emissor ao inverso. Ou seja, a comunicação é entendida como um processo de transmissão de uma mensagem por uma fonte de informação, através de um canal, a um destinatário (ARAÚJO, 2012, p. 121).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

A comunicação se dá através de várias mensagens que se transformam em uma só, para conseqüentemente enviá-la a pessoa - ou ao grupo de pessoas - desejado. Seguindo na linha da Teoria da Comunicação, destaca-se o surgimento de uma nova teoria, denominada por como Teoria Hipodérmica. Essa se caracteriza por um processo iniciado nos meios de comunicação que atingem os indivíduos provocando determinados efeitos.

Os meios são vistos como onipotentes (...). Os indivíduos são vistos como seres indiferenciados e totalmente passivos, expostos aos estímulos vindo dos meios (...). Daí a concepção de que os meios agiam sobre a sociedade a maneira de uma "agulha hipodérmica". Os estudos mais numerosos desta época são aqueles que procuram relacionar a quantidade de mensagens de violência nos meios a atitudes violentas por parte do público, principalmente o público infanto-juvenil (ARAÚJO, 2012, p.126).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Desde o início dos estudos acerca da Teoria da Comunicação e seus efeitos sobre as pessoas, já era analisado a quantidade de violência apresentada nos meios de comunicação, e já se buscava um resultado do que esses meios poderiam provocar na reação das pessoas.

A partir do estudo sobre a Teoria Hipodérmica, nascem outras pesquisas, já nos anos 1940. Essas pesquisas ficaram denominadas como “abordagem da persuasão”. Nessa época, os pesquisadores fizeram análises baseadas nos fenômenos psicológicos de cada indivíduo ao receberem determinada mensagem comunicativa. E, entre a ação dos meios e os efeitos, atuava uma série de processos psicológicos, tais como o interesse em obter determinada informação, a preferência por determinado tipo de meio, a predisposição a determinados assuntos, as diferentes capacidades de memorização.

Ainda buscando entender a capacidade de persuasão dos meios de comunicação, estudiosos concluíram que alguns fatores referentes à organização da mensagem, tais como a credibilidade do comunicador, ordem da argumentação e a explicitação de conclusões, interferem nos efeitos alcançados.

Depois da abordagem de persuasão, os estudos sobre a Teoria da Comunicação levam a outra teoria: a dos Efeitos Limitados. Nesse ramo de estudos, pesquisadores analisam abordagens psicológicas e sociológicas. Kurt Levin é o principal representante destes estudos, já que seu interesse baseia-se nas relações de indivíduos dentro de determinados grupos, bem como seus processos de decisões. Leon Festinger, membro do grupo de pesquisas de Levin, desenvolveu ainda por volta de 1957 a Teoria da Dissonância Cognitiva, com o objetivo de estudar o comportamento humano e suas motivações em relação às experiências vivenciadas por cada ser humano.

A partir de 1960 surgem diversas correntes de estudos dentro da Teoria da Comunicação, uma delas, é a corrente dos Usos e Gratificações, estudada por Katz, discípulo de Paul Lazarsfeld, um pesquisador de muita influência nos Estados Unidos. Nos estudos de Katz, ele busca compreender o que os meios fazem com as pessoas, para então pensar no uso que as pessoas fazem dos meios. “O receptor passa a ser visto como sujeito agente, capaz de praticar processos de interpretação e satisfação de necessidades” (Araújo, 2001, p.129).

Já no ano de 1952, a partir de um trabalho desenvolvido por Kurt e Gladys Lang, surge a hipótese do Agenda *Setting*, ou a Teoria dos Efeitos a Longo Prazo. Nesses estudos, os meios não são considerados formadores de opinião, mas sim alternadores da estrutura cognitiva dos indivíduos. A hipótese do Agenda *Setting* trata-se da forma de cada pessoa conhecer o mundo que é modificado pelos meios de comunicação de massa, ou seja, os meios de comunicação decidem o que é ou não importante que as pessoas saibam. Ao longo de mais

de 60 anos, a Corrente Americana dos Estudos sobre os Efeitos conheceu uma grande evolução em termos do aparato teórico a ser utilizado nos estudos.

De um modelo de máxima simplicidade, que previa um processo linear partindo dos meios, onipotentes, a receptores passivos e isolados, determinando efeitos diretos, chegou-se a modelos que passaram a considerar a influência de diversos outros fatores: as características psicológicas dos receptores, as formas de organização das mensagens, a rede de relações interpessoais em que os indivíduos se inserem, elementos que atuam de forma concomitante nos meios de comunicação, o uso que as pessoas fazem destes meios, e a natureza da ação dos meios na sociedade.

Outra teoria que vai ser abordada neste capítulo e que tem forte significado na construção deste artigo é a Teoria Crítica, também conhecida como Escola de Frankfurt. Essa teoria tinha como principal foco de estudo o emissor e o meio.

A Teoria Crítica da Sociedade surgiu pelos estudos da Universidade de Frankfurt. Estudiosos como Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin pensavam em uma nova interpretação da sociedade a partir de um novo conceito: a sociedade da era pós-industrial. “Provavelmente a teoria crítica da Escola de Frankfurt tornou-se mais conhecida no mundo inteiro pela sua crítica à cultura de massa que pelos seus demais trabalhos em outros campos do saber” (FREITAG, 1988, p.66).

Ao estudar os processos de comunicação, a Escola de Frankfurt traz uma crítica severa aos meios de massificação da informação e cultura. A indústria cultural, termo criado para nomear o processo de massificação dos produtos culturais, era criticada pelo objetivo de comercialização, a crítica era voltada ao capitalismo.

Os produtos culturais antes restritos à elite eram reproduzidos em série para a massa. A crítica permeava o valor simbólico destes produtos, pois se afirmava que o processo de reprodução tirava a riqueza, a aura do produto perdia sua complexibilidade, passando a significar algo de menor importância.

A prática da indústria cultural segue a linha da menor resistência, não deseja mudar as pessoas: desenvolve-se com base nos mecanismos de oferta e procura, explorando necessidades e predisposições individuais que não são criadas por ela, mas, sim, pelo processo histórico global da sociedade capitalista (HOHLFELDT, 2001, p.143).

Os teóricos da Escola de Frankfurt levavam em consideração o estudo do emissor, mas referenciando o receptor, que para eles era passivo neste processo de massificação da cultura e informação. A crítica era voltada aos emissores e aos modos de produção.

Um dos teóricos da época, Walter Benjamin, acreditava que a massificação cultural gerava interpretações, de outras coletividades, acerca da cultura do homem. “O comportamento das multidões nos espetáculos esportivos, os eventos turísticos, o fascínio pelas imagens, a procura pelas casas de diversão” (RUDIGER, 2002, p. 78). De acordo com o pesquisador, todos esses fenômenos são aspectos da transformação do indivíduo em parte de um vasto mecanismo tecnológico promovido pelo capitalismo.

Hoje, a crítica ao processo de comunicação televisivo segue a lógica de que o receptor é obrigado ou submetido a receber mensagens que não deseja, ou ainda que os meios são usados como canal para manipulação da sociedade, envolvendo neste processo questões políticas, sociais e ideológicas, e isto sem considerar o papel do receptor.

A preocupação com o que a televisão, o cinema, o rádio e, agora, os computadores veiculam, deveria ser muito menor do que a preocupação com o fato de que as pessoas se sentem obrigadas a passar seu tempo livre em sua companhia (HOHLFELDT, 2001, p.142).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Posterior a este estudo, surgem novas pesquisas que passaram a perceber o receptor como agente ativo no ato comunicativo. Foi na década de 1980, na América Latina, que surgiram os primeiros estudos acerca da recepção.

A análise da recepção, o mais recente desenvolvimento na área de pesquisa de audiência, pode então ser definida como uma abordagem de natureza qualitativa e empírica na investigação comparativa do discurso da audiência com o discurso da mídia, e os resultados dessa análise são interpretados com referência ao sistema sociocultural.

Os estudos da recepção permeiam os principais pontos de análise dos Estudos Culturais, ligados à pesquisa do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), da Universidade de Birmingham, Inglaterra. Como principais teóricos estavam Richard Hoggart, Edward Palmer Thompson e Raymond Williams.

Enfim, com base nos estudos de diversos autores vindos também de diversas épocas, é possível ter agora mais claro um conceito do que é comunicação, bem como seu surgimento, e os diferentes estudos e interpretações sobre o processo de comunicação. Isso porque dentro da Teoria da Comunicação, conforme destacado acima, outras teorias surgiram, mas todas com a finalidade de analisar e demonstrar os inúmeros significados e efeitos que a comunicação pode causar no ser humano.

1.1 O PAPEL DA TELEVISÃO NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA

Neste subcapítulo, a pesquisa busca compreender como surgiu a televisão, bem como a mudança que esse meio provocou na história da comunicação. Nesse sentido, Wolton (1996) afirma que a televisão constituiu uma mudança radical na história da comunicação. A imprensa escrita, a partir da metade do século XIX, já havia permitido que um número sempre maior de cidadãos tivesse acesso às informações, mas havia sempre a barreira da leitura.

A chegada da televisão na década de 1950 veio revolucionar uma comunicação que, com o rádio, já se havia libertado das limitações de distância. Com a televisão houve o milagre da imagem. Seu sucesso imediato, com o eco do sucesso do cinema no decênio de 1940, antes colocou a imagem no primeiro plano da colonização ocidental. Não só o espetáculo em imagem seduzia imediatamente, como também a janela para o mundo proporcionada pela informação, pelos documentários, filmes e espetáculos estrangeiros fizeram da televisão um dos meios instrumentais da emancipação cultural.

Desde a chegada da televisão, o público de forma geral fascinou-se por esse meio. Ela tornou-se sucesso absoluto, rompeu distâncias e abriu um amplo leque de informações, abrangendo os mais diferentes públicos.

A televisão é um espetáculo de um gênero particular, destinado a um público imenso, anônimo e heterogêneo, inseparável de uma programação que garante uma oferta quase contínua de imagens de gêneros e status diferentes. Esta é a razão fundamental do sucesso da televisão e da sua unidade, ou seja, a continuidade e a mistura diversificada de imagens, cuja recepção e interpretação ninguém domina. Debruçar-se sobre o status da imagem de televisão é, portanto, debruçar-se sobre o que está na origem do seu sucesso e que temos a tendência de esquecer, de tal forma banalizou-se a televisão (WOLTON, 1996, p.67).

Independente das pessoas interpretarem ou não as mensagens veiculadas na televisão, esse meio cativa e atrai cada dia mais seu público. Crianças, jovens, adultos, não importa a faixa etária, esse meio busca uma forma de prender a atenção do telespectador, de maneira que ele se identifique com o que está vendo.

Em seu texto publicado em um portal da internet, Acordi (2012) afirma que o sociólogo e historiador João Ramos Batanollí, diz que a televisão tem seus pontos positivos e negativos. O lado positivo é pouco usado. “Ela exerce um efeito na sociedade. Os assuntos que passam na TV são os que são vividos, porém gera banalização da violência, morte, guerra, entre outros”, afirma Batanollí.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Recuo: À esquerda: 4 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

As pessoas ficam tão acostumadas com o que é repassado, ver alguém morrer em sua frente se tornou algo normal. Segundo ele, a violência é uma das principais notícias hoje trazidas que fisgam a atenção das pessoas.

Os desenhos animados que prendem as crianças podem acarretar alguns transtornos, como ansiedade, violência, consumismo e torna um adulto sem senso crítico. Ainda segundo Acordi, “a qualidade do desenho animado está cada vez mais perdendo o senso ético, como estético. Os personagens são psicóticos, ou possuem algum poder especial. Eles imprimem na mente infantil a competição, ser vitorioso com a dor do outro”.

A televisão, ao exibir traição, sexo, rebeldia, pornografia, moda, e outros mecanismos que roubam à atenção do indivíduo, faz com que o telespectador dependa exclusivamente daquilo que seja do interesse dela e a ela traga progresso. Assim sendo, fortalece a dependência do não agir e do não pensar nos problemas da sociedade.

O que podemos perceber, analisando os programas, principalmente os de desenho animado, é que a educação que os responsáveis pelos canais de televisão pretendem, com seus programas, oferecer à criança, geralmente não segue qualquer norma, qualquer planejamento, provavelmente porque os adultos responsáveis por esses programas pouco entendem de crianças, e não se fazem acompanhar de pessoas que entendam de pedagogia ou psicopedagogia. Consequentemente, a criança pequena, ao assistir um programa de televisão, não usa o senso analítico e crítico para analisar e separar o que é bom, para assimilar, e o que é ruim e nocivo, para rejeitar. Isso faz com que ela assimile tudo.

Assim, todos os atos praticados na televisão podem ser assimilados pela criança como verdadeiros e normais de serem praticados. A criança pode aprender em determinados programas, que a forma de se livrar de uma pessoa indesejável é agredindo-a ou matando-a. Isso estimula a agressão. A criança não tem percepção da diferença entre a fantasia e a realidade. Isso pode fazer com que ela, através da televisão, possa confundir a realidade com a fantasia e a fantasia com a realidade. Desta forma, vai dificultar no seu desenvolvimento, a capacidade de assumir a realidade da vida, fazendo das fantasias a sua realidade ou enfrentar a realidade como uma coisa banal, e que não exige qualquer esforço.

2 TELEVISÃO PARA CRIANÇAS: O MUNDO ONDE TUDO É POSSÍVEL

O objetivo central neste trabalho é analisar se os desenhos animados influenciam no comportamento agressivo das crianças. Até aqui, foi feito um breve apanhado do significado da comunicação através de teorias estudadas por diversos pesquisadores, bem como o fascínio de diferentes públicos (não apenas crianças) pela televisão.

Partiremos agora para outra parte do estudo: a análise da televisão e a possível influência deste meio sobre as crianças. Com base nos estudos de alguns autores já citados anteriormente, foi possível observar que ocorre certas mudanças quando as pessoas assistem à televisão.

Algumas se identificam com o personagem, outras se emocionam com as cenas, ou ainda se revoltam com a informação, e outras se sentem parte daquele universo, chegando a acreditar que podem e devem agir da forma como os personagens estão agindo, falar as mesmas palavras, imitar os mesmos gestos, usar as mesmas roupas, enfim, existe uma identificação com o que se vê.

Quando assistimos a TV, pode-se afirmar que esses olhares dos outros também nos olham, mobilizam-nos, justamente porque é possível enxergar ali muito do que somos (ou do que não somos), do que negamos ou daquilo em que acreditamos, ou ainda do que aprendemos a desejar ou a rejeitar ou simplesmente a apreciar. Em poucas palavras: em maior ou menos grau, nós sempre estamos um pouco naquelas imagens (FISCHER, 1993, p.12).

Estar 'um pouco naquelas imagens'. É justamente neste aspecto que o público infantil se encaixa quando se trata de desenhos animados na televisão. As crianças, ainda em fase de formação de pensamento e de caráter, acabam tendo a ideia de que podem fazer o que viram na televisão, pois, se a televisão mostra, para todo mundo ver, então, não é errado.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Recuo: À esquerda: 4 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

A televisão interfere de forma significativa na construção da formação das crianças, e do ser humano de forma geral.

Conforme Fischer (1993), a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou mesmo na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas - mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo. Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico - de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria - é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida.

A autora segue em outras obras apresentando argumentos que revelam que na TV as pessoas encontram emoção e sentimentos, como saudades, amor, alegria, esperança, inveja, raiva, terror, etc.

Também outros estudiosos vindos de diferentes épocas já buscavam analisar a presença da violência nas mensagens televisivas destacadas ao público infantil. O sociólogo Frances André Gluksmann elaborou um relatório sobre as pesquisas e obras mais significativas já publicadas, tendo como objetivo verificar os efeitos das cenas de violência no cinema e na televisão na Europa e nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960.

Outro estudo surge nessa área e vem da psicóloga americana Mary Winn. Ela estudou o efeito de apassivamento das crianças, e denomina a televisão como a “TV de droga”, comparando esse meio a narcóticos e alucinógenos. “A tese do apassivamento se relaciona com a provocação do sono, da inatividade motora e mental, do afastamento de outras formas de informação e lazer, como jogos e leituras de livros” (WINN *apud* FISCHER, 1993, p.16).

É impossível falar da violência contida nos desenhos animados sem deixar de citar outro ponto muito observado pelos pesquisadores: o mito existente na televisão, principalmente em cenas voltadas às crianças.

Mito aqui, é compreendido na sua acepção mais larga, aquela referente ao mito como narrativa dos começos. Essa ideia tradicional do mito, como ligado às histórias que contam a origem da humanidade, de um povo ou de um grupo humano, também compreende as narrativas cujo conteúdo oferece às pessoas uma norma, um modelo de comportamento, a orientação para momentos específicos da vida, como o nascimento, a morte, a viagem e o trabalho, ou até a exorcização de medos, angústias, e males da humanidade (FISCHER, 1993, p.19).

Umberto Eco, também destaca a presença de elementos mitológicos na TV.

Essa condição da TV, de comunicar pela imagem e de chegar às pessoas na intimidade de suas casas, faz com que o veículo se preste a criar mensagens em que prepondere o sensorial, o emotivo, facilitando o desencadeamento dos processos psicológicos da projeção e da identificação. É nesse espaço que surgem os modelos, as estrelas, enfim, os homens-mitos, que passam a ser modelos de comportamento, fato comum a todos os tipos de sociedade (ECO *apud* FISCHER, 1993, p.37).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Fica claro, então, que é justamente a presença do mito na televisão, que faz com que as pessoas (nesse caso as crianças) acreditem que possam existir heróis e outros modelos que podem ser seguidos, e através desse mito que as crianças se identificam com os personagens, de forma a mexer com a emoção de cada uma. Fischer (1993) afirma ainda que se a televisão através de suas narrativas faz o uso do mito, é porque ele está presente em nossa sociedade e é uma necessidade.

Entrando agora especificamente no assunto principal desse estudo, os desenhos animados, Fischer (1993) destaca que possivelmente uma das mais fortes formas de expressão da linguagem audiovisual seja a do desenho animado.

Em suas pesquisas de campo realizadas com crianças no ano de 1985 para saber suas preferências acerca das programações televisivas, entre as opções, desenhos, filmes ou novelas, a maioria escolhe os desenhos animados, entre eles, o preferido, está o Pica-Pau. Subsequente a isso, os gostos variam entre os *Flinstones* e o Gato Félix.

O que chama atenção da autora é que as crianças, na época, fizeram suas escolhas baseadas em dois elementos: o mágico e o engraçado. Se o termo ‘engraçado’ for analisado profundamente nos desenhos animados, observa-se que ele é caracterizado pela rapidez das ações e gestos dos personagens e pelas transformações dos objetos. Isso pode ser muito observado nos desenhos animados atuais, onde em questão de poucos minutos o personagem principal pode estar em vários lugares, em um momento debaixo da terra, logo em seguida numa floresta, no espaço sideral, etc. “Vê-lo afundado, queimado, cortado em várias partes, inflado como um balão, e em questão de segundos totalmente recomposto, como se nada tivesse acontecido”, exemplifica Fischer (p.60).

Outra parte dos desenhos animados que consegue prender muito a atenção das crianças são os contos de fadas, já que desde pequenas as crianças sofrem com crise de identidade e fazem perguntas a si próprias. São perguntas ligadas a justiça, a esperança, ao futuro e ao abandono.

Se, de um lado, essas perguntas de teor tão radicalmente existencial já despontam no coração da criança, de outro, nenhuma resposta dada segundo a racionalidade e a inteligibilidade abstrata do adulto vai satisfazê-la. Pelo contrário, vai deixá-la perplexa, porque o realismo de tal explanação requer um tipo de compreensão abstrata, que a criança ainda não tem. Aí é que entra a necessidade de respostas cifradas na linguagem da mágica, pela qual animais, objetos quaisquer, seres de outro mundo cada um a seu modo, oferecem, metaforicamente, explicações, aos olhos do adulto mais fantásticas que verdadeiras, mas aptas a darem à criança a segurança necessária para que, mais tarde, possa com tranquilidade chegar a raciocinar abstratamente, cientificamente (BETTELHEIN *apud* FISCHER, 1993, p.61).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Não pode, então, o adulto tentar forçar para que a criança tenha um raciocínio realista sobre as imagens exibidas, pois mais tarde ela vai sentir falta do mágico e do fantasioso, e talvez tentar suprir essa falta através de recursos como as drogas e outras coisas que lhes possibilitem viver em um ‘mundo faz de conta’.

Na maioria dos desenhos animados, pode ser observado esse mundo faz de conta. Existem desenhos animados clássicos exibidos pelo SBT, alguns já estão fora da grade de programação, outros ainda permanecem, como Popeye, Mickey Mouse, O Pato Donald, Tom e Jerry e o Pica-Pau. São desenhos onde tudo é possível.

Não importa se uma bomba estourou na mão do Pica-Pau, e ele ficou todo queimado. No próximo quadro ele estará inteiro, e a ação continuará normalmente. Da mesma forma, nada de mais sucederá ao personagem que, amarrado num elástico, for impulsionado pelo inimigo e de repente se encontra em pleno terreno lunar, observando a Terra de muito longe. Logo ele terá retornado ao ponto de origem. É como se houvesse uma norma ética: qualquer um pode ser agredido de qualquer maneira, desde que em um segundo ele esteja o mesmo. O que importa é o movimento de ataque e defesa, e não a destruição plena do outro. Sim, porque se o outro for destruído, não haverá a quem atacar (BETTELHEIN *apud* FISCHER, 1993, p.61).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Isso nos remete a ideia de que as imagens exibidas nos desenhos animados não estão preocupadas com o real conteúdo das cenas, se ela conterà violência ou não, o que importa é que sejam boas o suficiente para atrair ao máximo a atenção das crianças. Sem contar que os personagens assumem formas diferentes, podendo ser uma bola, uma faca, uma galinha. Ainda seguindo o ponto de vista da autora, o desenho animado fala a linguagem da criança, em que se separam em diferentes reinos o homem, o animas, e as chamadas *coisas*.

Seguindo nesta linha, através do estudo de Pacheco (1998) os desenhos animados interferem também no comportamento, consumismo e formação de valores das crianças. Ele afirma que criança imita o comportamento de seus personagens favoritos, assim como deseja objetos relacionados com seus personagens preferidos. O autor inclusive cita algumas cenas presenciadas por ele em sala de aula, onde percebe que as crianças possuem grande fascínio

pelos personagens de desenhos animados, o que pode explicar certos comportamentos, como bater no colega acreditando estar participando de um combate, assim como ter poderes especiais, quando imitam a fala e acreditam que precisam ter objetos relacionados aos seus personagens favoritos.

Na mesma linha de pensamento, Pacheco (1998) diz que as crianças costumam incorporar o modo e jeito de falar dos personagens favoritos, e acreditam que precisam ter objetos de uso pessoal que tragam a imagem destes para que possam estar mais parecidos com os mesmos.

A partir dos mitos existentes nos desenhos animados preferidos, a criança elabora medos e satisfaz necessidades fundamentais como: viver a magia da ficção; a importância de, ainda que magicamente, desafiar as regras que o adulto lhe impõe no seu dia a dia; a substituição do tempo métrico, que é real, pelo tempo psicológico que lhe permite libertar-se da gravidade, ficar invisível, e assim, comandar o universo por meio da sua onipotência.

2.1 PICA-PAU: O PRIMEIRO DESENHO ANIMADO EXIBIDO NA TV BRASILEIRA

Faremos aqui uma breve análise sobre o desenho animado do Pica-Pau, já que este foi o primeiro desenho exibido pela televisão brasileira, criado por Walter Benjamin Lanza, um desenhista e animador estadunidense, conhecido também pela fundação do Walter Lantz Studio. O personagem foi criado em 1940.

Pica-Pau, originalmente *Woody Woodpecker*, foi o primeiro desenho animado exibido na TV brasileira, com transmissão realizada em 19 de setembro de 1950, na extinta TV Tupi, um dia após sua inauguração, e que até hoje chama muita atenção das crianças.

Analisando de forma mais profunda este desenho animado, é possível identificar a preocupação em outros autores que também já analisaram o desenho. Desde antigamente e até hoje, quando surgem novos estudos sobre ele, as conclusões são vistas de forma negativa, por vários motivos. Um deles é que o personagem jamais demonstra sentir-se derrotado, e como principal símbolo disso é o seu canto, repetido na voz do pássaro e inclusive na música tema da apresentação do desenho.

Mesmo na pior das situações, o Pica-Pau grita a senha que parece falar da sua absoluta indiferença diante do mundo, dos outros, dos inimigos, e inclusive da própria derrota. O canto soa ainda mais triunfal, quando no final de uma briga com o opositor, ele sai vitorioso.

Quando ele vê a dificuldade, faz um olhar maldoso que promete a espécie de vingança em relação àquele que lhe impede a satisfação do desejo, partindo imediatamente para o ataque. Nessa espécie de guerra, a ação fica cada vez mais rápida, e todas as maldades e violências são permitidas, de parte a parte.

Os objetos às mãos dos personagens podem se transformar em qualquer coisa. Seus braços podem esticar-se até as nuvens, enfim, é a mágica em que tudo é possível acontecer para as agressões poderem repetir-se indefinidamente, a cada dez ou vinte segundos, sob uma forma diferente.

O desenho acaba, muitas vezes, dando a impressão de que os personagens se cansaram de guerrear e só por isso pararam. Em outras, o domínio de um sobre o outro se dá de tal forma que o adversário fica imobilizado, a mercê do vencedor, em geral numa situação cômica e muitas vezes de humilhação. Quando o vencido é o Pica-Pau, ele sempre arranja as coisas de uma forma que a derrota não lhe seja tão desagradável.

De acordo com Fischer (1993), o Pica-Pau pode ser visto como um marginal da sociedade, já que tem uma casinha no alto de uma árvore toda equipada, não trabalha e está sempre com falta de dinheiro. Esses podem ser os principais motivos das ações violentas praticadas pelo personagem.

A criança, ao se identificar com um personagem, não o faz na base da moralidade, escolhendo o bom em detrimento do mau, mas na base da simpatia que ele desperta. A grande identificação do público infantil com o Pica-Pau é um bom exemplo: o personagem não é bonzinho, pelo contrário, ele é muitas vezes um mau-caráter. Então, a identificação se dá por outro lado, possivelmente por essa capacidade de lutar egocentricamente por si mesmo (...) (BETTELHEIM *apud* FISCHER, 1993, p.63).

Pode-se facilmente concluir que no desenho do Pica-Pau a criança projete e imagine um pouco do seu próprio mundo, principalmente na parte em que nem todos os desejos podem se tornar reais, já que no Pica-Pau elas veem o personagem colocando pra fora toda a raiva - e não importa se isso se dá através da violência ou fazendo mal ao próximo - por não conseguir realizar todos os desejos.

Pesquisadores como Cantrill e Alport, citados por Humberto Eco, também estudaram a tendência do telespectador a auto hipnotizar-se pelas imagens e projetarem nessas imagens seus sentimentos e emoções. As mensagens vão recebendo de cada indivíduo o significado que esses mesmos indivíduos lhes fossem atribuindo.

No caso do Pica-Pau, são os adultos que falam da violência do personagem porque é o que veem naquelas imagens. A criança diz que ele é engraçado, que mora numa árvore, que é vagabundo e briga com todo mundo. São duas linguagens, duas leituras diferentes. Numa, a projeção das preocupações do adulto em defender a criança da violência; na outra, a projeção do mundo da criança naquele pássaro que sai destruindo com o bico tudo que lhe é adverso (ECO *apud* FISCHER, 1993, p.64).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Enfim, a linguagem audiovisual que trabalha com a imagem, música, palavra falada ou escrita tem sua expressão mais acabada nos desenhos animados. Existe assim a força da imagem associada a outras formas de linguagens que facilitam a comunicação intuitiva com as crianças. Igualmente acontece com a força da mensagem construída sobre o mundo mágico das personificações de coisas, animais e seres de outro mundo, atendendo dessa forma o pensamento de imaginação infantil.

Uma das hipóteses levantadas sobre o motivo deste personagem ter essas atitudes, é que os produtores possam ter acompanhado as atitudes biológicas do pássaro, o que chamamos de 'criação observatória', já que na vida real, eles seu comportamento é semelhante ao exibido na televisão.

2.2 TELEVISÃO E A INFLUÊNCIA NO PROCESSO COGNITIVO DAS CRIANÇAS

Nesta parte do estudo, vamos analisar se a televisão tem o poder de afetar e formar o processo do cognitivo afetivo e motor das crianças. Com base em estudos de alguns pesquisadores, fica claro que certas imagens veiculadas na televisão tem uma força maior do que podemos imaginar na formação do pensamento das pessoas, principalmente quando se trata das crianças. A televisão tem uma força muito grande nas imagens, no que diz respeito às necessidades do ser humano, que tem de alimentar seus sonhos, fantasias e imaginação. Ela consegue fazer isso de forma que a imagem penetre no inconsciente, sem a criança perceber ou ter condições de se defender.

As crianças, ao se comportarem de forma violenta depois de ter assistido a determinados desenhos, podem não o fazer com intenção. As imagens, tão mágicas para elas, tão fascinantes, entram em seu inconsciente de tal forma que elas imaginam que podem repeti-las.

No decorrer deste trabalho, vamos falar sobre as conversas realizadas com algumas crianças, o que comprova que muitas delas vivem em um mundo de imaginação. Observa-se, através de relatos de alguns pais em grupos de conversas informais, feitas antes de começar a ser desenvolvido este estudo, que é muito grande o número de crianças que já se jogaram da

janela de suas próprias casas pensando que possuíam os mesmos poderes do Homem-Aranha. Outras crianças levam consigo para onde forem - seja para a casa dos amigos, dos avós e principalmente na escola - objetos de brinquedo, como revólver e outros tipos de armas, porque acham que podem precisar se defender de situações de lutas, conforme observam em alguns desenhos animados como em 'Mutante Rex', atualmente na grade de programação do SBT.

De acordo com esses pais, é também muito grande o número de crianças que pensam ter superpoderes, e acabam enfrentando situações difíceis, se metendo em brigas na escola e provocando brigas sem motivos específicos, porque pensam que no momento em que precisarem, em que se sentirem ameaçadas, vão poder usar os poderes. Essa reação, segundo os pais, é observada principalmente nas crianças que costumam assistir com mais frequência ao desenho 'Super Choque', também veiculado atualmente na grade de programação do SBT. Na história, o personagem principal Virgil Ovid Hawkins, ou, Super Choque, é um estudante afro-americano do Colégio *Dakota Union*. Ele é um jovem esperto, inteligente, atlético, vivaz e muito bem-humorado, que foi exposto acidentalmente a um gás desconhecido. Ele ganhou poderes eletrostáticos, e os usou para tornar-se um super-herói chamado Super Choque. Todas as pessoas que estavam no acidente e foram afetadas pelo gás desconhecido passaram a ser chamados de transformados ou meta humanos. O maior ódio de Virgil é de armas de fogo, já que sua mãe, Jean Hawkins, foi há cinco anos assassinada por uma bala perdida no peito durante um tiroteio de gangues.

Os estudos sobre a influência dos desenhos animados no comportamento infantil prosseguem, como destaca Mota (2001), ao concluir que os desenhos animados violentos podem desenvolver um comportamento agressivo nas crianças. Com base no seu trabalho, é possível compreender que as crianças são indivíduos em formação cognitiva, e boa parte dos saberes e comportamentos que adquirem são aprendidos, imitados ou assimilados.

A maioria das crianças não está adequadamente habilitada para interpretar e administrar as imagens de conteúdo violento sem se deixar afetar. Podemos facilmente observar em seu estudo, que o imaginário infantil, somado à admiração pelos personagens dos desenhos animados, pode resultar na repetição do comportamento violento observado, e o eufemismo dos tons coloridos suaves com as trilhas sonoras agitadas, muitas vezes corrobora com a inibição de quaisquer aspectos negativos das cenas de violência.

Outras pesquisas ainda feitas no artigo escrito por Mota (2001), também nos trazem dados claros: a literatura internacional sobre a influência de filmes, programas, vídeo games e desenhos animados em comportamento agressivo de crianças e adolescentes é vasta. Os

estudiosos analisados em seu artigo encontram um ponto em comum em todas as pesquisas realizadas: crianças e adolescentes ficam mais agressivos após assistirem a filmes, programas e desenhos violentos ou participarem de jogos violentos.

Com base nesses estudos é possível ainda observar que a descrença da população a respeito dos efeitos nocivos da mídia violenta para crianças e adolescentes deve-se, muito provavelmente, à grande dificuldade que os resultados de pesquisas têm de chegar ao público, pois são os próprios meios de comunicação que divulgam, ou não, essas informações.

Além disto, os adultos não compreendem e se recusam a crer que, as crianças, veem televisão diferentemente deles próprios. E, ainda, a grande maioria dos adultos percebe que a programação exibida pela TV é de cunho fantasioso, apenas de entretenimento, e que frequentemente é irreal; porém, as crianças não são capazes de discernir estas diferenças, e é justamente isso que vem preocupando e fazendo com que cada dia surja novas pesquisas e estudos nessa área.

Outro dado claro observado é que, hoje em dia, a maioria das crianças passa mais tempo em frente da televisão do que fazendo outras atividades inerentes à sua idade. É comum encontrar na internet estudos que apontam que as crianças que estão mais expostas à TV tendem a reproduzir atividades e práticas presentes na programação assistida, principalmente quando a personagem é uma criança ou a situação vivenciada aproxima-se de suas próprias experiências de vida. Cenas eróticas, relações de gênero ou situações de violência são muito prevalentes nos programas assistidos pelo público infante-juvenil. Uma das consequências mais visíveis é a aceleração de algumas vivências, sem que tenha havido um amadurecimento para tal.

Os pais acham que a televisão funciona como se fosse uma “educadora eletrônica”, que, na ausência da família ou de algum adulto para acompanhar a criança, a televisão pode ser um meio de deixá-las aparentemente calmas e seguras, como se estivessem acompanhadas por alguém de que gostam e que não as incomoda.

O estudo desenvolvido por Mota (2011) sugere ainda que histórias de violências e agressões, quando expostas a crianças ainda muito jovens, se cristalizam no seu cognitivo, dificultando a mudança desses conceitos na idade adulta, tornando a agressão um fato perfeitamente aceitável.

As consequências mais destrutivas geralmente acometem as crianças com maior grau de sensibilidade. Assim, as crianças agressivas, supostamente sentem-se mais felizes, se justificam e acreditam na violência quando não mais percebem que a praticam sozinhas, já que viram aquilo na TV.

Para aperfeiçoar a pesquisa, outros estudos na área foram analisados. Benjamim Spock, importante pediatra americano, fez a seguinte afirmativa:

Até que a televisão venha a ter programas interessantes e úteis para as crianças, os pais podem simplesmente se livrar do aparelho. Isto evitará que seus filhos sejam brutalizados pela violência e que se tornem passivos por longas horas de imobilizada atenção (SPOCK *apud* GOMIDE, p. 03, 2009).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Outros dados que chamam atenção na leitura de Gomide (2009) é que a televisão pode influenciar as percepções dos espectadores sobre o que constitui “o mundo real” e o comportamento social normal. Aqueles que assistem a muitas horas de televisão acreditam que o mundo é tal como é visto através dos programas, ou seja, com violência, estupro, assassinato, uso de drogas, etc..

Uma pesquisa ainda feita por Gomide comprovou que as crianças e adolescentes assistem, em média, 10 mil cenas violentas por ano. Pessoas que veem televisão por muito tempo estão propensas a crer que a televisão exibe o mundo real ou então que o mundo real deve conformar-se com as regras da televisão. Este estudo afirma ainda outro dado: o de que a televisão pode tornar as pessoas menos solidárias. A exposição à violência como entretenimento realmente torna as pessoas mais indiferentes ao sofrimento dos outros.

Os hábitos agressivos parecem ser aprendidos cedo na vida, são resistentes a mudanças e predizem um comportamento antissocial adulto sério. Se a observação da violência nos meios de comunicação, por uma criança, promover a aprendizagem de hábitos agressivos, isto pode ter consequências prejudiciais durante toda a vida (HUESMANN *apud* GOMIDE, 2009, p. 4).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Também é importante analisar o tempo que cada criança passa em frente à televisão, pois isso também pode ocasionar problemas, segundo os resultados apresentados no guiainfantil.com, um site disponível na internet com informações sobre crianças. As que assistem menos de duas horas de televisão por dia na infância, não aumentam seu risco de sofrer transtornos de atenção na adolescência. Mas a partir da terceira hora, o risco aumenta cerca de 44% por cada hora adicional que se passa cada dia diante da TV. Os efeitos foram especialmente encontrados em crianças que assistiam à TV mais de três horas diárias.

Seguindo nesta linha e retomando o estudo de Gomide (2009) a autora aponta que após a exposição a uma série de filmes exibindo violência sangrenta contra mulheres, estudantes universitários do sexo masculino mostraram-se menos empáticos para com uma suposta vítima de estupro e mais inclinados a considerá-la responsável.

Neste sentido, a exposição à violência na televisão pode tornar crianças e adolescentes mais tolerantes à agressão de outras crianças. Outro dado interessante é apontado pela autora: o de que crianças e adolescentes apresentam um maior número de comportamentos agressivos em jogo de futebol após assistirem a filmes como Kids, Time Cop - O Guardião do Tempo, Mortal Kombat e Marcas do Silêncio. Mas, por outro lado, o nível de comportamento agressivo permanece inalterado e até mesmo diminui após assistirem a filmes como Águas Perigosas e Babe, o porquinho trapalhão.

É importante lembrar que, ainda com base no artigo de Gomide (2009), a maior influência da televisão no comportamento humano é indireta, sutil e cumulativa - não imediata e direta. De forma que a formação do conceito e de atitudes referentes a sexo, uso de drogas, resolução de conflitos, aquisição de hábitos alimentares, constituição da família e outros valores importantes que favorecem o viver em sociedade, de maneira saudável e harmoniosa, quando não feitos pela família, podem estar sendo feitos pela televisão.

A tragédia da televisão é que ela é 90% potencialmente prejudicial para crianças e adolescentes e apenas 10% útil socialmente; quando, na verdade, essas porcentagens deveriam ser invertidas em uma sociedade responsável, visto que a quantidade de violência e sexo casual na televisão está drasticamente fora da proporção com a vida real (GOMIDE, 2009, p. 6).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

E por falar em vida real, também já é notório que faz parte do comportamento das crianças imitarem as ações vistas nos desenhos animados.

As crianças até os 18 meses de idade tem uma pequena capacidade de concentração, não prestando muita atenção a televisão. Mas aos dois e três anos nota-se já, algum interesse por parte do público infantil. Entre os três e cinco anos, tudo aquilo que é movimentado, e o que lhes chama atenção na televisão, concluindo já aqui, de que são atraídas por cenas violentas e rápidas. Dos seis aos 12 anos, “entram” numa outra fase, onde existe o início de vício televisivo, imitando já muitas coisas daquilo que observam, levando-as, portanto, à imitação direta, pensando que a televisão reflete a vida verdadeira (NORBERTO, 2005, p.21).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Pode-se assim observar claramente que o período de maior preocupação quanto à imitação de cenas vistas na televisão se dá entre o período de seis a 12 anos, já que as crianças estão mais aptas a adquirirem o vício de ver televisão. Segundo Norberto (2005), a criança não imita exatamente tudo o que vê, mas sim o que está de acordo com os modelos pessoais aceitos por cada um.

Observa-se ainda que as crianças que possuem algum tipo de problema ou conflito familiar são mais facilmente influenciadas por ações e atos de personagens da televisão,

enquanto aquelas que têm um relacionamento tranquilo, na maioria das vezes, utilizam a televisão apenas como assuntos de conversas e brincadeiras.

A grande preocupação é que, atualmente, muito mais do que antigamente os desenhos animados são carregados de cenas violentas, e essa violência não só aparece de forma corporal como também de forma implícita, uma violência introduzida na imaginação das crianças, e que, como consequência, provoca ações de imitações de seus heróis preferidos.

1- A violência nos programas de TV é recompensada (quem é violento consegue o que quer). 2- As consequências da violência não aparecem na TV. As redes proíbem mostrá-las para que as crianças não vejam a dor, o sangue e o ferimento. 3- Crianças aprendem formas de agressão vendo-as acontecer. 4- As crianças que assistem a programas violentos são mais agressivas, mas se sofrerem a desaprovação dos pais, esse efeito é reduzido. 5- As crianças que assistem a muitos programas violentos têm atitudes diferentes a respeito da agressão (geralmente a violência se torna uma forma de resolver problemas). 6- O efeito é cumulativo, quanto mais vê, mais agressiva fica (BACCAGLINI; MONTAGNER, 2005, p.76).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

É claro, e isso torna-se mais evidente ainda através destes itens, que as crianças aprendem a ser agressivas vendo imagens agressivas, e quanto mais assistirem, mais esse comportamento indesejável vai ser observado. Indesejável porque provavelmente que nem os pais, nem os professores, que são as pessoas que mais convivem com as crianças, gostariam de observar este tipo de comportamento, por isso à importância da presença da família ou de uma pessoa responsável pela criança enquanto ela está ‘mergulhando no fantástico mundo mágico da televisão’.

Os pais se enganam ao pensar que deixando seus filhos em casa, na companhia da televisão eles estarão bem protegidos e livres de qualquer mal, pois esses pais, na maioria das vezes, desconhecem o que os filhos ficam assistindo, e mesmo que saibam que se trata de desenhos animados, não tem ideia do que as cenas lá exibidas podem afetar na educação dos filhos.

Sabemos que a violência e o comportamento agressivo fazem parte do ser humano, Porém, faz parte dos cidadãos, enquanto seres humanos evitá-la ao máximo, e nada melhor do que começar com as crianças, que sem intenção estão sendo alvo de comportamento violento. Além de tornarem-se mais violentas, aumenta o seu medo da violência do mundo real, deixando-a mais insegura em relação às pessoas e ao mundo.

Seguindo nesta linha de análise, Pontes (2005) fala das ‘características recompensadoras’ apresentadas nos desenhos animados, e afirma que as violências cometidas são quase sempre mostradas como divertidas, o que pode ser visto pelas crianças como uma forma de resolver os problemas do dia a dia. Apresentada dessa maneira nos desenhos

animados, aqueles que cometem atos violentos acabam sendo compensados pela vitória, pelo aplauso da plateia, já aqueles que são vítimas desses atos são considerados perdedores, inferiores, fracos que merecem ser desprezados pelo público.

Também é comum encontrar artigos na internet que afirmam que a violência brutaliza. Torna as pessoas rudes e deprime os outros. O seu impacto é aniquilador e corruptível. A violência na televisão não é só agressão infantil física ou verbal, tal como bater em alguém. Ela representa formas diretas e sérias de agressão. Por exemplo, disparar um revólver sobre alguém, atacar uma vítima com uma faca, atear fogo num edifício, cortar alguém com uma garrafa partida são cenas drásticas produzidas para dar efeitos visuais.

A preocupação com o excesso de violência nos desenhos animados levou a Organização das Nações Unidas (ONU), em 1998, a realizar uma pesquisa, um mapeamento estatístico da programação infantil em seis emissoras abertas brasileiras. Os resultados mostraram dados bastante surpreendentes. Em apenas uma semana de programação foi detectada a exibição de 1.432 crimes só nos desenhos animados. Isso equivale a 20 crimes por hora de desenho. Dos crimes cometidos pelos personagens dos desenhos, 38% tinham alguma justificativa (reagir à violência) e 34% eram inteiramente gratuitos. A pesquisa ainda aponta que, em geral, não há polícia, os crimes não geram consequência ao criminoso e não existe intermediação ou alguém para dirimir conflitos.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), nos anos de 1996 e 1997, fez uma pesquisa sobre a Percepção dos Jovens sobre a Violência nos Meios de Comunicação de Massa, e um dos resultados que chamam a atenção é a confirmação de que as visões de mundo das crianças são influenciadas tanto pelas experiências reais como pelos meios de comunicação. Foi comprovado que quase um terço do grupo que vive em ambientes agressivos acredita que a maioria das pessoas no mundo são más, enquanto pensa assim apenas um quinto das crianças inseridas em ambientes de baixos índices de agressividade. A pesquisa também confirmou o caráter compensatório que assume a violência na TV.

Assim, um total de 47% das crianças que preferem os conteúdos da mídia também gostariam de se ver envolvidas em situações de risco, em comparação a 19% que preferem outro tipo de transmissão na mídia.

2.3 ESTUDO DE CASO DO SBT, A FORMAÇÃO DA EMISSORA

O Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) é a única emissora aberta que tem um programa voltado ao público infantil que ocupa toda a manhã, sendo que o programa infantil Bom Dia & Companhia, inicia às 9h e se estende até pouco mais do meio-dia.

Por se tratar de um canal aberto, ou seja, sem custo para ter em casa, e por ser um horário em que as crianças que não estudam pela manhã já são dois motivos que atraem o público infantil.

Se a criança fica em casa toda a manhã enquanto os pais trabalham, em uma casa onde não tem TV por assinatura, os pequenos, ao optarem por assistir televisão, provavelmente vão escolher o canal que passa mais desenhos animados, nesse caso, o SBT.

Nesse subcapítulo faremos uma abordagem histórica de como surgiu o SBT, e vamos lembrar os primeiros desenhos animados veiculados pela emissora que fizeram sucesso, alguns que estão até hoje na lembrança das crianças – e até de adultos – para depois chegarmos à atual grade de programação veiculada pela emissora.

O SBT foi fundado em 19 de agosto de 1981 pelo empresário e apresentador de televisão, Silvio Santos. A TV Studios, conhecida pela sigla TVS, no Rio de Janeiro, foi quem deu vida à emissora, e durou de 1976 a 1987. Hoje, a rede SBT é a terceira maior rede de televisão do país em audiência e arrecadamento, atrás apenas da Rede Globo e da Rede Record.

O SBT possui nove emissoras próprias: SBT São Paulo, SBT Rio de Janeiro, SBT Brasília, SBT Centro-Oeste Paulista, SBT Interior Paulista, SBT Interior Araçatuba, SBT Pará, SBT Porto Alegre e SBT Nova Friburgo. Além disso, a emissora é dona de um dos maiores complexos televisivos da América Latina, o CDT da Anhanguera, localizado no quilômetro 18 da Rodovia Anhanguera, em Osasco (SP), ocupando uma área de 231 mil metros quadrados. Seu logotipo e fonte são baseados nos da emissora estadunidense *American Broadcasting Company* (ABC), um grupo midiático comercial norte-americano, que inclui várias mídias, sendo a rede de televisão homóloga e a estação de rádio mais conhecida.

Em 1994 teve início a construção do CDT da Anhanguera, o mais arrojado empreendimento realizado pelo Grupo Silvio Santos, um investimento de cerca de US\$ 120 milhões. As instalações da emissora eram divididas em cinco pontos por São Paulo, sendo eles: Vila Guilherme, Rua Camarés, Teatro Silvio Santos, Teatro Ataliba Leonel, Sumaré e Anhanguera. Isso dificultava muito as operações da emissora e um local que pudesse centralizar, facilitaria para os funcionários e para administração da rede. Em 1996 o CDT da Anhanguera foi inaugurado no dia do aniversário dos 15 anos da emissora.

Em 2001 alcançou quase 47 pontos de média e picos de 55 na final do *reality show* Casa dos Artistas, o maior índice de audiência de sua história. Os pontos e os picos podem chegar até 100. Este programa teve outras três edições, duas em 2002 e uma em 2004. A partir desse ano a emissora desistiu de produzir o programa devido a vários processos judiciais movidos por acusação de plágio da produtora Endemol. Em 1995, foram 42 pontos de média exibindo uma partida de futebol válida pela Copa do Brasil.

O SBT, logo de início, aproveitou vários programas da extinta Rede Tupi. Sílvio Santos sempre se dedicou aos programas de auditório e por isso, criou-se uma tradição desse formato na emissora. O Programa Sílvio Santos é a atração mais duradoura da emissora e já é consagrada no Brasil desde 1962, ano que o apresentador iniciou sua carreira na televisão.

As atrações constituem-se de programas de auditório, *realities*, *game shows*, telejornais, programas jornalísticos, programas infantis, séries, desenhos animados, filmes, *talk shows* e telenovelas. Alguns importantes nomes da comunicação já apresentaram programas na emissora, como: Flávio Cavalcanti, Gugu Liberato, Hebe Camargo, J. Silvestre, Jacinto Figueira Júnior, Murilo Néri, Jô Soares, com o programa Onze e Meia, Sérgio Chapelin e Wilton Franco. Alguns programas apresentados por esses artistas fizeram grande sucesso, como: Programa Flávio Cavalcanti, Viva a Noite, Hebe, Show sem Limite, Aqui Agora e o Povo na TV.

Neste ano, o SBT anunciou que seu faturamento em 2012 havia ultrapassado a marca de R\$ 1 bilhão, valor nunca antes atingido, em grande parte devido ao sucesso da novela infantil Carrossel, que propiciou lucros multibilionários à emissora.

Hoje a emissora possui mais de 1,2 milhões de seguidores na rede social *Twitter* sendo reconhecida com o selo azul de autenticidade. No *Facebook* é a rede de televisão aberta com maior número de amigos em sua *fan-page* além de ser a primeira emissora aberta a ter sua *fan-page* reconhecida como oficial. Algumas figuras públicas famosas e páginas com grande número de seguidores, como celebridades, empresas populares e marcas, são verificadas pelo *Facebook* para confirmar sua identidade autêntica. O selo azul de verificação ao lado do nome da página é inserido de maneira espontânea pela própria rede social, não sendo possível solicitar a autenticação. Nem Record ou Rede Globo possuem, até o momento, o selo de autenticidade da equipe de Mark Zuckerberg, que exibem um selo ao lado do nome da página ou perfil para atestar autenticidade daquela conta.

2.4 OS PROGRAMAS INFANTIS QUE FIZERAM HISTÓRIA NO SBT (1981-PRESENTE)

O SBT herdou um grande acervo de desenhos animados da TVS. O primeiro desenho veiculado pela emissora foi Bozo, em 1981, garantindo, por quase dez anos, um grande sucesso. A Vovó Mafalda, um personagem do programa e que fez muito sucesso entre o público infantil e Sérgio Mallandro, com o Oradukapeta, também se destacaram.

Desde sua criação, a emissora exhibe os mais variados desenhos animados, dos clássicos aos sucessos atuais. Por muito tempo, o Pica-Pau (criado em 1940 por Walter Lantz) foi o carro-chefe da emissora, ao lado do Pernalonga (de 1938) e Tom e Jerry (também dos anos 1940).

Foi na década de 1980 que vieram grandes sucessos da animação. O Duck Tales que mostrava as aventuras de Tio Patinhas, seus sobrinhos e do capitão Boeing teve pré-estreia no 'Programa Silvio Santos' e um tema nacional na voz de Luis Ricardo. A história do ursinho que trabalhava num circo, perdia mãe e sofria um acidente com o trem, na companhia do pai, indo parar num bosque, conquistou muitos fãs. Assim era Kissyfur. Em seguida, o sucesso foi no desenho intitulado Nossa Turma, que trazia seis diferentes bichos vivendo dentro de um vagão.

Seguindo nessa linha de pesquisa, o próximo desenho, baseada na obra de Antoine de Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe, apresentava as viagens do garotinho pela Terra e sua missão de resolver alguns problemas.

O mundo da velocidade entrou em cena com *Pole Position* e seus, na época, modernos computadores falantes, *Wheels* e Rodão, guiados pelos irmãos Dan e Tess. Outros desenhos também fizeram sucesso como Honey-Honey (uma animação japonesa), Os Defensores da Terra, Super Mouse, Os Fantasmas e Jem.

A lista ainda é completa por Muppets Babies, Cavalo de Fogo (com a princesa Sara que na companhia do quadrúpede conseguia parar num mundo mágico e enfrentar Diabolyne, irmã de sua mãe), Gato Félix e sua inseparável sacolinha mágica, Pantera Cor-de-Rosa, *Poppeye* e *Snoopy*, além do desenho do Bozo e de Dennis, o Pimentinha.

Já na década de 1990, novos formatos de desenhos foram estreados, principalmente após a parceria com a Disney. Alguns deles ficaram pouco tempo no ar e outros já haviam sido exibidos em outras emissoras. Nesses dois casos estão Loopy Lebo (Um Lobo Bom), Lippy e Hard (o leão que tentava se dar bem e a hiena pessimista ao extremo, dublada por Lima Duarte), Wally Gator (o jacaré camarada que vivia num Zoo), Tartaruga Touché, A Formiga Atômica, A Família Camundongo, A Princesa dos Cabelos Mágicos, Família Adams (duas versões, uma mais antiga e a outra, moderna), Família Silvestre (uma abertura num

tronco de árvore dava caminho para um 'outro mundo), Timão & Pumba, A Turma do Pateta e 101 Dálmatas. Também vieram Doug, TV Quack Pack, Ana Pimentinha, A Hora do Recreio e Marsupilami.

Outro sucesso da época foi O Fantástico Mundo de Bobby, desenho que contava com a participação do humorista Howie Mandel, que se transformava no pai do protagonista, Howie Generic, e mostrava a fértil imaginação de um garotinho de quatro anos, ao lado dos pais, dos irmãos e do bonachão tio Ted. A emissora trouxe ainda Zé Colméia, Os Ursinhos Carinhosos, Tutubarão, Riquinho, *Scooby-Doo* e *Os Flintstones*.

A partir do final da década de 1980 e início dos anos 1990, o SBT passou a lançar programas infantis apresentados por Simony, Mara Maravilha, Mariane Dombrova, Angélica, Eliana, Jackeline Petkovic e desde 2003 esse formato de programa passou para o comando de crianças como: Jéssica Esteves, Kauê Santin, Priscila Alcântara e Yudi Tamashiro.

O que tem chamado atenção também ultimamente, é que apresentadores como os palhaços Patati e Patatá, Bozo, Vovó Mafalda e atores-mirins como Maísa Silva, Matheus Ueta (9 anos), Ana Vitória Zimmermann (11 anos), e Jean Paulo Campos estão no comando do Bom dia & Cia. O porquê do novo formato é simples de entender. Identificação com o público infantil. Também devido ao sucesso com a novela Infantil Carrossel, já que os apresentadores são os mesmos personagens que atuavam na novela.

A própria emissora emitiu algumas notas em sites de notícias, afirmando que a substituição de apresentadores do Bom dia & Cia não foi decidida agora, mas é reflexo de estudos que acontecem na emissora há praticamente um ano e meio. Ainda em 2011, os executivos do SBT perceberam que o público, apesar de gostar de Yudi e Priscilla, enxergava os dois como garotos mais velhos e não como amigos da mesma turma. E lá atrás iniciaram o projeto de reformulação da grade infantil.

O primeiro passo foi contratar a dupla de palhaços Patati & Patatá para comandar a faixa voltada para as crianças mais novas. Depois, aconteceu o retorno de Bozo e a saída de Yudi. Posterior a isso, Priscilla deixou o comando do programa. Yudi e Priscilla eram apresentadores do Bom dia & Cia desde 2005. Posterior a isso, duas crianças que estão praticamente na mesma faixa de idade assumiram a apresentação do programa.. O objetivo, segundo eles, é aumentar a identificação de quem está em casa com os que aparecem na tela à frente do programa. Porém, aqui, pode surgir outra hipótese que também merece estudo específico, que é o da mão de obra infantil na TV. Se, em outros lugares é proibido trabalhar na infância, porque na televisão é possível? Esta pergunta fica em aberto, para que estudos posteriores á este possam responde-la.

A atual grade de programação do SBT, exibida de segunda a sexta, das 9h às 12h está com novos desenhos, que ficam por algum tempo e depois dão espaço para outros. A atual grade está composta pelos seguintes desenhos:

1- Scooby-Doo! Mistério S.A.

Uma pacata vila possui um longo histórico de aparições de fantasmas, *poltergeists*, possessões demoníacas e outras formas paranormais. A equipe de Fred, Daphne, Velma, Salsicha e *Scooby-Doo* é chamada para provar que tudo isso simplesmente não é real. Mas ao longo do caminho, eles irão descobrir um grande mistério que irá mudar tudo.

2 - Liga da Justiça Sem Limites

Super-Homem e os membros da superequipe decidem que é hora de criar um grupo ainda maior de heróis para proteger o planeta de invasões alienígenas, supervilões e outras ameaças. Assim, são recrutados novos integrantes, sob a liderança do homem de aço, para que cada crise possa ser enfrentada por subgrupos devidamente dimensionados. Além de veteranos como Mulher-Maravilha, Batman, Lanterna Verde e Ajax, a nova equipe terá como recursos o Arqueiro Verde, Átomo, Fera B`wana, Questão, Booster Gold, Zatanna, Rapina e Columba, entre outros. Cada um deles será chamado de acordo com a ameaça do momento.

3 - Ben 10: Omniverse

Agora Ben 10 está de visual novo e tem um Ominitrix mais moderno, com dez novos extraterrestres dotados de superpoderes. Ben 10 está animado para se tornar um herói solo (sem Gwen e Kevin por perto), mas o vô Max escala um novo parceiro para ele, Rook, que juntos irão explorar a nova, misteriosa, subterrânea e desafiadora cidade de baixo.

4 - O Incrível Mundo de Gumball

Com uma quedinha por confusões, Gumball Watterson é um gato azul de 12 anos que, junto com seus pais, sua irmã mais nova e seu melhor amigo e irmão, o peixinho Darwin, além de um grupo de amigos estranhos, se envolve em grandes enrascadas.

5- Max Steel

A animação Max Steel conta a história de um adolescente com dons especiais e um alienígena que têm o destino do mundo em suas mãos.

6- Mutante Rex

Uma explosão fez com que micro robôs Nanites contaminassem cada ser vivo da Terra. Ativados aleatoriamente dentro de seus hospedeiros, eles transformam alguns humanos em monstros, os Evos, que são criaturas irracionais e agressivas. Para combatê-los, a organização Providência foi criada para capturar, matar ou curá-los. Quando a situação foge

do controle, o prisioneiro e arma secreta Rex entra em ação e consegue controlar seus Nanites com suas incríveis habilidades.

7- Tom & Jerry

Nesta nova série de aventuras, os protagonistas Tom e Jerry mantêm seus papéis de sempre: enquanto o gato Tom tenta, frustradamente, capturar o espertíssimo ratinho Jerry, eles vivem eletrizantes perseguições, usando diversos truques e armadilhas um contra o outro.

8- Super Choque

Baseado numa história em quadrinhos, o desenho conta a história do adolescente Virgil Hawkins, que se transforma no herói Super-Choque, quando percebe que possui superpoderes.

9 - X-Men Evolution

Em algum lugar no futuro, seres humanos nascerão com estranhos poderes. Serão mutantes. Esses humanos serão forçados a esconder seus poderes pelo medo da rejeição ou perseguição. Porém, existirão pessoas dedicadas a auxiliá-los, ensinando como controlar suas emoções e conseqüentemente, seus poderes. O Instituto Xavier será um desses refúgios. Outros mutantes encontrarão maneiras sinistras de lidar com seus novos dons. O desenho convida as crianças a unirem-se ao professor Xavier, Storm, Cyclops, Jean Grey, Vampira, Nightcrawler, Kitty, Spyke e Wolverine em suas novas aventuras.

Esses são os atuais desenhos animados exibidos na grade de programação do SBT, e pelo que podemos facilmente observar com as informações citadas anteriormente no histórico, foi a partir da década de 1980 que os desenhos assumiram outra forma, abordando mais temas relacionados à violência, brigas, superpoderes, destruição, etc.. Sobre essa afirmação, o próprio site do SBT faz um comentário no final do histórico, onde consta que na atual década, com a mudança de comportamento dos ‘baixinhos’, o SBT passou a apostar em ‘animes’ japoneses como Naruto e desenhos como Ben 10, As Meninas Super-Poderosas, Liga da Justiça, X-Men Evolution, Projeto Zeta, Os Jovens Titãs, Chaves, Andy e Seu Esquilo, Coragem, o Cão Covarde, Du, Dudu e Edu e outros, deixando, dessa forma, de lado, os desenhos mais ternos e puros.

A afirmação que consta no próprio site do Bom Dia & Companhia, admite que a emissora deixou de lado os desenhos mais “ternos” e “puros”, conforme a expressão utilizada no texto, para adotar um modelo bem diferente. De acordo com o trecho, essa nova saga de desenhos animados se deve à mudança de comportamento das crianças. Mas, talvez, esse novo formato se deva também a preocupação da emissora em recuperar a audiência, já que, segundo dados do Ibope, perdeu exatos 44% de sua audiência em dez anos, indo de 8.2 para

4.6 pontos, considerado a média de 2013 entre janeiro e julho. Cada ponto equivale a 62 mil domicílios na Grande São Paulo, por exemplo. Porém, depois da saída dos apresentadores Yudi e Priscila, nos últimos quatro meses, o programa Bom dia & Cia alcançou uma média de 5.5 pontos, e, em algumas manhãs chegou a incríveis 8.5 de pico.

3 FOCUS GROUP: UMA ANÁLISE DA OPINIÃO DAS CRIANÇAS COM RELAÇÃO À LIBERDADE E AO CONTEÚDO DOS DESENHOS

Nesse capítulo, será apresentado um estudo qualitativo feito com crianças da faixa etária de oito a doze anos, para saber qual é a opinião e como é o comportamento de cada uma delas sobre o que assistem na televisão. Para isso, como já foi ressaltado no início do trabalho, foi utilizada uma metodologia denominada *Focus Group*, ou, Grupo Focal.

Um grupo focal é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. É uma técnica rápida e de baixo custo para avaliação e obtenção de dados e informações qualitativas, fornecendo aos gerentes de projetos ou instituições uma grande riqueza de informações qualitativas sobre o desempenho de atividades desenvolvidas, prestação de serviços, novos produtos ou outras questões (GOMES, 1999, p. 01).

O Grupo Focal pode ser utilizado principalmente em pesquisas que necessitem de um método independente, servindo como a principal fonte de dados qualitativos, assim como ocorre em pesquisas que usam a entrevista individual ou a observação do participante. Pode ser incluído como uma fonte complementar de dados em estudos que dependem de outro método primário. Desta forma, a discussão em grupo, frequentemente, serve como uma fonte de dados preliminares em um estudo basicamente qualitativo. Pode ser usado, por exemplo, para generalizar questionários de pesquisa ou para desenvolver a aplicação de programas de intervenção. Pode, ainda, ser utilizado em estudos com multimétodos, ou seja, os dados obtidos são adicionados aos dados colhidos através de outros instrumentos, como a entrevista individual.

Inicialmente, a ideia era aplicar um questionário em três escolas, que contemplassem uma Estadual, outra Municipal, e uma Particular. O questionário seria composto por aproximadamente 20 questões objetivas e dissertativas. Porém, seria impossível as crianças responder a tais questionários em sala de aula, tendo em vista o tempo que levaria para isso.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Assim, elas levariam para casa, e, poderiam encontrar dificuldade para responder algumas questões mais complexas, correndo então o risco das crianças pedirem ajuda aos pais para responder, e estes poderiam influenciá-las ou induzi-las a uma resposta.

A partir dessas questões, começou-se a estudar a ideia de aplicar o método conhecido como *Focus Group*, ou, Grupo de Foco. Esse método oferece algumas vantagens em relação ao questionário, como, por exemplo, o dinamismo e a interatividade. Além disso, poderia proporcionar às crianças a troca de informações, de experiências e ainda a exposição da visão de cada um, que envolve a percepção, as ideias, os valores e os sentimentos.

Outra vantagem do Grupo Focal, segundo De Antoni (2001) é que este método promove o *insight*, ou seja, os participantes se dão conta das crenças e atitudes que estão presentes em seus comportamentos e no dos outros, do que pensam e aprenderam com as situações da vida, através da troca de experiências e opiniões entre os participantes. Informações, confirmação ou refutação de crenças, argumentos, discussões e soluções escutadas e expressas durante as sessões do grupo revelam o que o participante pensa e que resulta na compreensão coletiva sobre os temas discutidos.

Para a elaboração desse grupo de foco foi necessário um planejamento, primeiramente de quantas sessões de estudos seriam realizadas, com quantas crianças, qual faixa etária seria abordada, e de que forma se daria a escolha das crianças. Feita essa análise, optou-se por criar o grupo de foco em uma escola de Ensino Fundamental no município de Ajuricaba, localizada no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Depois de algumas conversas com a equipe diretiva da escola, optou-se por realizar duas sessões de estudos.

O próximo item a ser planejado foi à escolha da faixa etária, a qual se manteve a opção de analisar a faixa etária de oito a doze anos. A próxima decisão foi de que forma seriam escolhidas as crianças e a quantidade. Optou-se por criar um grupo de dez alunos. A equipe diretiva passou nas salas de aula e questionou os alunos sobre quem tinha mais hábito de assistir ao Bom dia & Cia pela manhã, e a partir daí, criou-se o grupo. A escolha da escola se deu através da identificação com aquele público. Por ser uma escola pública, apenas de Ensino Fundamental, onde os alunos da faixa etária pesquisada frequentavam a escola no turno da tarde, estando livre para assistir a programação na parte da manhã.

Diante destes aspectos, passou-se para a definição dos objetivos de cada sessão para posteriormente elaborar as questões de orientação. Cada uma das duas sessões foram estruturadas através de um roteiro específico, que previa aproximadamente duas horas de duração, com itens como tema, objetivo, planejamento e duração.

O tema refere-se ao tópico a ser abordado, a técnica está relacionada à forma com a qual o moderador dinamizará o grupo no início da sessão, o procedimento indica como o moderador manterá a discussão sobre o tema, e a duração diz respeito ao tempo para cada etapa do processo. Por fim, está a avaliação da sessão, em relação ao trabalho e aos sentimentos transmitidos durante o estudo com o grupo.

O estudo realizou-se na Escola Estadual de Ensino Fundamental João Carlini, localizada no Bairro João Carlini, em Ajuricaba, RS. A pesquisa ocorreu em duas tardes: quarta e quinta-feira, dias 1º e 2 de Outubro de 2013. O grupo foi composto por seis meninos e quatro meninas. Inicialmente foi feita uma conversa informal, sobre o que eles preferiam assistir, porque assistiam desenhos, quais eram os seus preferidos, etc. O grupo ficou empolgado com o tema da pesquisa, e logo de início as crianças começaram a interagir entre elas, relatando experiências que tiveram tentando imitar alguns personagens de desenhos.

Depois dessa conversa, as crianças assistiram a três desenhos animados que compõe a programação do SBT: Um episódio de *X-Men Evolution* (Ep. 36- Auto possessão), Mutante Rex (Ep.1 - O dia em que tudo mudou), e por fim, Ben 10 (Ep.1). A escolha dos desenhos para as crianças assistir não envolveu um objetivo específico, nem foram escolhidos desenhos que continham mais cenas de violência para influenciá-las a resposta. Eles foram escolhidos de forma aleatória, sendo que já haviam passado na programação do Bom Dia & Cia.

Enquanto as crianças assistiam aos desenhos, já era possível observar a reação diferente na grande maioria, de forma especial, nos meninos. É visível a diferença de comportamento entre meninos e meninas ao assistirem tais desenhos. As meninas não paravam para prestar atenção, ficavam olhando para o chão, para o teto ou para a janela, dando a entender que aqueles desenhos não às interessava. Já os meninos sabiam de cor o nome dos personagens, e ficavam aflitos quando presenciavam alguma cena mais pesada, e esse comportamento foi possível observar principalmente através dos gestos e das palavras de cada um. Foi necessário pouco mais de dez minutos de exibição dos desenhos, para que as crianças exibissem certa impaciência e agitação.

No final do primeiro dia, foi conversado sobre os desenhos exibidos anteriormente, e as opiniões variavam. Alguns achavam certas cenas muito violentas e sentiam medo, outros afirmavam não sentir nada e inclusive aprovavam o que estavam vendo, principalmente os mais velhos.

Já no segundo dia, com o mesmo grupo, foi retomado sobre as atividades realizadas no dia anterior, e então aplicado o roteiro de entrevistas, que está em anexo ao trabalho. Durante as conversas no grupo, de diferentes formas todos os alunos relataram sua relação

com a televisão e os desenhos animados, afirmando tudo o que foi descrito anteriormente pelos autores. Nessa faixa etária, realmente o que mais chama atenção são cenas de briga, violência, e superpoderes.

3.1 RECEPÇÃO SOLITÁRIA: CRIANÇAS ESCOLHEM O QUE ASSISTIR

A partir deste sub capítulo, teremos o depoimento de algumas crianças que compõe o Grupo de Foco, com base em suas vivências, nos mais relacionados temas, como violência, personagens favoritos, necessidade de imitação, etc, Nesta primeira parte, elas revelam que os pais dificilmente mantêm o hábito de acompanhar e/ou assistir aos desenhos animados com os filhos.

Um aluno de nove anos comentou:

O que me chama atenção na frente da televisão são os personagens, os mais briguentos. Eu assisto aos desenhos todos os dias, quando minha mãe e meu irmão estão em casa eles assistem comigo, mas quando ela está no trabalho ela me deixa livre para eu assistir, ela sabe o que eu assisto, e não proíbe nenhum.

Nesse comentário pode-se observar que os pais não tem consciência do que os seus filhos assistem, pois para eles a televisão representa uma boa companhia. Ideia que se pode afirmar também neste comentário, de uma menina de doze anos: “Meu pai e minha mãe trabalham, eu fico com minha avó, aí eu escolho o que assistir”.

Seguindo nesta linha, o comentário de mais uma menina de oito anos: “Às vezes meus pais assistem comigo, às vezes eu assisto sozinha porque pra mim é melhor. Meus pais deixam eu escolher o que assistir”.

Esses comentários feitos pelas crianças comprovam a ideia de que para os adultos, a televisão é sim a espécie de uma ‘babá eletrônica’, de que, estando sentados no sofá em frente à televisão, as crianças estão livres de qualquer perigo, estão dentro de casa e estão sendo bem cuidadas.

Também ficou visível no grupo de foco o interesse das crianças em assistirem aos programas sozinhas, é uma preferência delas, e, os poucos pais que tentam controlar os filhos em relação ao que assistir, parecem não ter sucesso, conforme comenta este menino de doze anos: “Às vezes eu assisto sozinho outras com meu irmão, mas meus pais nunca assistem porque eles trabalham. Às vezes minha mãe fala pra eu não assistir mas eu assisto mesmo assim, às vezes até apanho”.

No relato desta criança, pode-se observar que existe um interesse por parte da mãe em controlar o que o filho está vendo, mas mesmo correndo o risco de apanhar, ele opta por assistir aos desenhos que lhe interessam.

Com base nesses depoimentos, foi possível perceber na maioria dos alunos que compõe o grupo, a ausência dos pais na hora de decidir o que os filhos devem ou não assistir. De acordo com a psicóloga educacional Luciana Camilo Pereira Lima, de um texto retirado da internet, “Quando os pais podem assistir junto dos filhos e discutir o que viram de bom e de ruim, é a melhor maneira deles aprenderem”. No entanto, segundo ela, nos dias de hoje os pais não estão tão presentes porque trabalham o dia todo. Assim, a criança vê uma coisa, acredita naquilo e não tem quem dê discernimento para ela saber o que é bom e o que não é.

Isso apenas reforça a ideia do quanto é importante que os pais acompanhem e controlem o que os filhos devem ou não assistir.

3.2 COMPORTAMENTO ESPELHO: A NECESSIDADE DAS CRIANÇAS IMITAREM O QUE ASSISTEM NA TELEVISÃO

Outra característica encontrada nas crianças que compõe o grupo de foco foi a vontade de imitar o que seus personagens preferidos fazem na televisão. Em conversa com este menino de dez anos, ele afirma: “De vez em quando dá vontade de imitar o que eu vejo lá, eu já tentei, mas em frente ao espelho porque se eu fizer na frente de alguém vão dizer que eu estou fazendo palhaçada”.

O relato de uma menina de oito anos também deixa claro esse desejo: “Eu já tentei imitar os personagens várias vezes, no meu aniversário eu tentei imitar as Winx, tentei voar com uma asa de brincadeira. Mas caí e me machuquei, não deu certo”.

Isso nos comprova o que já foi citado anteriormente, em que o autor Norberto (2005) afirma que dos seis aos doze anos, as crianças entram em uma fase onde existe o início do vício televisivo, “imitando já muitas coisas daquilo que observam”.

Neste outro depoimento, também de um menino, comprovamos a afirmação do autor: “Eu e meu irmão já tentamos imitar e começamos a brigar, minha mãe teve que ir lá e separar eu e ele”. Na mesma conversa, outro colega se pronuncia dizendo: “Já tentei imitar alguns personagens, mas não deu muito certo, já caí tentando imitar o Homem-Aranha e me machuquei”.

Na maioria dos depoimentos é possível observar que as crianças estão propensas a imitar o que assistem, não somente em desenhos mas também em filmes e novelas, e, na faixa

etária em que estão, ainda torna-se difícil distinguir ficção e realidade. Daí mais uma vez a importância da participação da família na hora da escolha sobre o que assistir ou não.

Nesse sentido, é importante que os pais ou responsáveis observem em cada programa a classificação indicativa, e respeitem essa classificação, sendo essa uma forma de selecionar os programas aos quais os filhos assistem.

3.3 O GOSTO POR CENAS DE VIOLÊNCIA

Na conversa com as crianças pode-se observar também quais são as cenas que mais chamam atenção de cada uma, principalmente dos meninos. Como já citado anteriormente, a violência e os superpoderes dão à criança a ideia de que o que aparece na televisão pode se tornar real. O relato de um menino de nove anos impressiona, pois nele é perceptível a ideia de que a mãe o incentiva a ver desenhos animados e a comprar o mesmo objeto que o personagem usa: “Meu desenho favorito é o Ben 10, porque ele é bom pra mim. A mãe disse pra eu assistir pra comprar um relógio daqueles pra eu botar no pulso e ganhar superpoderes”.

Nesse caso, se a mãe o incentiva a assistir e a comprar o relógio para adquirir superpoderes, fica ainda mais difícil para a criança distinguir a realidade da fantasia.

Ainda sobre as cenas que cativam os entrevistados e seus personagens preferidos, temos o relato de mais um menino, que diz: “Meu desenho preferido é o Max, porque ele faz as missões, procura os cristais e vai na selva e tem a amiga dele que sempre faz as missões junto com ele. Esses desenhos tem luta e briga”.

Como já citado anteriormente pelos autores Baccaglioni e Montagner (2005) a televisão só mostra as cenas de violência, mas não as consequências que essa violência pode causar no ser humano. Estes mesmos autores fazem uma afirmação importante sobre o efeito da televisão e da violência sobre a criança. Eles afirmam que o efeito é cumulativo, quanto mais vê, mais agressiva fica.

A preferência pelo Ben 10 também se faz presente em outro depoimento, também de um menino: “Eu gosto do Ben 10, força alienígena, porque tem um monte de bichos com poderes, poder de chama, de fogo, de brasa, e se ele encostar ele pode pegar o poder de outros”.

Avançando um pouco mais de faixa etária, também chamou atenção o depoimento de dois meninos de doze anos, confirmando mais uma vez a afirmação de diversos autores. Um deles diz:

Eu acho que o que chama mais atenção hoje para as crianças são as cenas de briga, de sangue e de luta, quando um inimigo consegue derrotar o outro, eles tem poderes geniais, como poder jogar fogo nas pessoas por exemplo.

O colega, também de doze anos, comenta: “Eu só assisto quando está dando desenho de luta, se não, não tem graça, gosto de ver eles brigar, eles tem cara de mau”.

Outro relato, dessa vez vindo de um menino de nove anos, demonstra certo prazer em ver a maldade nas cenas dos desenhos animados: “Eu gosto quando eles atiram raios nos olhos dos inimigos”.

Os depoimentos vindos de diferentes crianças apontam o gosto por cenas de violência, e deixa claro o quanto elas estão presentes nos desenhos animados do SBT.

As cenas de violência fascina, chamam atenção dos telespectadores, principalmente dos meninos. De acordo com os relatos acima, são essas cenas que fazem com que eles fiquem atentos em frente ao aparelho de televisão e, mesmo causando um pouco de medo ou tensão, elas optam por assistir o que lhes chama mais atenção. E como são exatamente essas cenas que se repetem com frequência nos desenhos que compõe a grade de programação do SBT, a criança, ao ligar a televisão, já está de frente com as cenas que lhe agradam, e, como já citado anteriormente, se a criança pertence a uma família que não tem TV por assinatura, e o que lhe interessa são os desenhos animados, então é nessa emissora que ela vai ficar.

3.4 A CONSCIÊNCIA COMEÇA A SURGIR

Mesmo com o gosto pela violência, através do depoimento dos dez alunos do grupo de foco, foi possível identificar em alguns a vontade de que essas cenas diminuam, ou acabem. Os mesmos alunos que inicialmente dizem gostar do que assistem, mais tarde dizem que acham algumas cenas muito ‘pesadas’ ou exageradas, como podemos concluir no depoimento desta menina de nove anos:

Eu acho os personagens engraçados, mas tem algumas coisas lá, como brigas, por exemplo, que eu acho que não precisava ter, como casos de violência, casos de acidente e morte, coisas que não precisava ter, eu penso que podia ter só coisas engraçadas.

Outra menina já de dez anos também fez a seguinte afirmação: “Eu não acho tudo o que eu assisto legal, eu não gosto quando eles brigam”.

A colega, que também compõe o grupo, complementa: “Tem uns desenhos que apresentam agressividade e teimosia. Eu não gosto muito de X Men, tem alguns desenhos que eu acho pesado demais”.

E até o menino que antes afirmou que o que mais lhe prendia atenção em frente a televisão era a violência, mais tarde relatou: “Uma coisa que tem de errado nos desenhos é a linguagem, fala muita besteira e coisas que não pode”. Ou seja, ele gosta de assistir, isso prende sua atenção, mas ele tem consciência de que realmente nos desenhos tem como ele mesmo afirma, “coisas que não pode”.

Outro menino, de oito anos, que também assiste ao Bom dia & Cia, e que anteriormente também afirmou gostar da programação, mais tarde comenta: “Eu queria mudar as lutas e os tiros do SBT, tudo o que eles fazem de mal porque eu acho que está exagerado demais isso”.

O que pode ser observado nesses depoimentos é que, mesmo algumas crianças tendo consciência de que o que estão vendo é de fato exagerado, ou as cenas são violentas demais, mesmo assim elas não deixam de assistir. Talvez isso aconteça por diversos motivos, um deles pode ser a falta de outras programações de cunho infantil na TV aberta, ou talvez possa se levantar a hipótese de que falte uma orientação por parte dos pais ou responsáveis quanto ao que se deve ou não assistir. Mas, com base nos depoimentos, já é possível identificar que até mesmo as crianças, ao pararem para pensar e prestar atenção no que realmente estão vendo, já tem consciência de que algumas cenas são exageradas demais para sua idade, e pode-se identificar também a falta que algumas crianças sentem de desenhos mais inocentes, mais puros, como eram os de antigamente.

3.5 O OLHAR DA PSICOLOGIA

Um trabalho pioneiro desenvolvido pela professora Maria Abigail de Souza (1999), do Instituto de Psicologia da USP, também com o objetivo de analisar a influência dos desenhos animados violentos no comportamento infantil, percebeu uma série de mudanças de hábitos nas crianças que eram mais influenciadas pelos desenhos. O primeiro deles foi a briga na escola: a criança começa a brigar com os colegas e a agredir funcionários da escola. É o primeiro sinal de que algo não vai bem, e isso pode ser associado ao que ela está assistindo em casa.

Outro aspecto observado por essa professora foi a impotência para desafios, quando as crianças não conseguem fazer suas tarefas diárias e tornam-se agressivas. Têm medo e

ansiedade. Outra consequência da influência de desenhos animados inadequados é o horror ao fracasso, ou seja, a criança passa a ter ataques quando fracassa numa tarefa ou é contrariada, assim, o potencial para que se torne violenta já está desenvolvido.

A arrogância também faz parte do comportamento, quando, por exemplo, se a criança alcança uma vitória e, em vez de sentir-se feliz, torna-se arrogante e irrita os colegas, deve ser mais bem observada porque sente raiva no lugar do prazer. Até a baixa autoestima é citada no estudo da professora, quando a criança que se sente indigna de admiração e apreço carrega enorme potencial agressivo.

E, por fim, outra característica observada é a introspecção, se a criança está muito introspectiva pode ser um sinal de que não sabe pedir ajuda. Pode estar sentindo-se desamparada e isto resulta, com frequência, em explosões de ódio. Como afirma Souza (1999), não significa que todas essas características sejam única e exclusivamente por consequência do excesso de televisão, é claro que outros fatores vindos da própria família também podem influenciar, mas tudo isso aponta para que os pais tenham mais cuidado e atenção com os filhos enquanto eles estão em frente à televisão, pois as consequências muitas vezes são mais sérias do que se pode imaginar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre as possíveis influências negativas que os meios de comunicação, neste caso a televisão, podem causar entre as crianças, já vem sendo estudado há bastante tempo, tornando-se um tema cada vez mais polêmico.

Este estudo teve como principal objetivo analisar a grade de programação exibida pelo SBT todas as manhãs, estando facilmente ao alcance das crianças, a fim de verificar se a programação realmente é composta por cenas excessivas de violência, e se estas agradam, chama atenção das crianças.

O fato de o conteúdo violento estar se tornando a cada dia um fenômeno tão comum que chega a constituir uma característica da programação infantil televisiva, aumenta consideravelmente a probabilidade de que as crianças desenvolvam comportamentos agressivos e violentos. Diante desse cenário, baseados nas pesquisas e nos resultados observados através das próprias crianças, não é difícil identificar o quanto essas são influenciadas pelos desenhos animados, tão influenciadas a ponto de sentir necessidade de imitar o que assistem, de passar horas em frente ao aparelho de televisão, deixando de lado outras atividades que poderiam ser mais saudáveis e não desenvolver características negativas.

Com base nos estudos, observou-se também o desconhecimento dos pais quanto ao que os filhos estão vendo, e a confiança que os responsáveis têm pela televisão, como se esta fosse a babá eletrônica, sendo assim, impossível causar algum malefício as crianças.

A televisão, com a programação infantil, tem forte influência na formação cultural, moral, intelectual e psicológica da criança, pois ainda com a personalidade em formação, essa se torna indefesa, no sentido de interpretar e compreender o conteúdo das mensagens veiculadas.

Formatado: À esquerda

A violência colorida estampada de forma muitas vezes divertida na televisão chama atenção dos pequenos, pois em todos os desenhos estudados, o que ficou claro do ponto de vista da representação das crianças, é a comicidade, a fantasia e a magia.

A partir dessa análise mais profunda da grade de programação dos desenhos infantis do SBT, podemos perceber em um primeiro momento que os desenhos animados, em sua maioria, apresentam situações como: o herói, o engraçado, o vencedor, o bem e o mal, a transformação, a inexistência da morte, a inexistência do tempo métrico e do espaço definido, o prazer pelo fantástico e pelo terror.

Em um segundo momento, também é possível observar nos desenhos situações como a defesa do que é de sua propriedade, a necessidade de conforto e segurança, a eternidade da vida e dos valores, a explicações para as origens, à ação e a aventura, a vitória sobre os inimigos e a destruição dos mesmos, desejo de vingança, e um mundo que tanto surpreende as crianças: onde tudo é possível, uma vez que não existe tempo histórico, e o espaço é indefinido.

É importante ressaltar que a criança, estando em fase de crescimento, muitas vezes encontra na televisão o conforto que busca, e acaba se identificando com seus personagens preferidos de tal forma, que depois que parou de assistir, as ações daquele personagem continuam em sua memória e, por não ter a capacidade de distinguir o que é real do que é ficção, pensa que pode ter os mesmo poderes, as mesmas atitudes e os mesmos pensamentos.

Através do depoimento das crianças, foi possível observar que na opinião delas, é o mais forte quem tem razão, e não importa o que alguém tenha que fazer para se tornar vitorioso, tudo é válido, pois não existe castigo ao personagem que praticou o mal. Esses mesmos personagens são vistos na maioria das vezes como engraçados, pois utilizam de situações embaraçosas e que realmente tornam-se engraçadas para as crianças, como é o caso do Pica-Pau, que sempre dá um jeito de se dar bem à custa dos outros, porém, utilizando elementos que o tornam engraçado, chamando atenção das crianças.

É impossível encontrar de imediato uma solução para que as crianças não sejam afetadas de forma negativa pela violência exibida na televisão. Talvez uma solução seria o processo de mediação, conforme já proposto anteriormente nas teorias da comunicação, que minimizariam os efeitos das influências.

O predomínio da violência na sociedade é um problema que não será resolvido facilmente, nem de uma hora pra outra, e os estudos sobre as influências que, não somente os desenhos animados, mas filmes, novelas e seriados podem trazer no comportamento das pessoas com certeza serão temas de diversas pesquisas.

Algumas crianças já estão conscientes, e já admitem que os desenhos animados estão exagerando nas cenas exibidas, mas mesmo assim, pela falta de opção no que refere-se a programação infantil da TV aberta, acabam assistindo.

Os problemas com a violência podem refletir mais tarde, na sociedade como um todo, mesmo quando a criança já tiver se tornado adolescente. Esse estudo analisou somente a grade do SBT, mas isso não significa que outras emissoras não estejam exibindo programações que afetam igualmente na formação das crianças.

Seria necessária uma mudança na grade de programação veiculada pela manhã, quem sabe outras atrações de cunho infantil poderiam ser exibidas neste horário. Enquanto isso não acontecer, as soluções para reduzir a influência negativa dos desenhos animados podem vir através de conversas na escola e na família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACORDI, Ana. *A influência da televisão na vida das pessoas*. Criciúma: SATC – Educação e Tecnologia, 2012.
- ARAÚJO, Carlos Alberto. *A pesquisa norte-americana*. In: HOHLFELDT, Antônio;
- BACCAGLINI, Ticiane; MONTAGNER, C. Paulo. *Relações Teóricas entre a Educação Física Escolar e os Programas Televisivos Infantis*. Conexões, v. 3, n. 1, 2005.
- CHARLESWORTH, L. W; RODWELL, M. K. *Focus group with children: a resource for sexual abuse prevention program evaluation*. Child Abuse & Neglect, 21, 1205-1216, 1997.
- DE ANTONI, C., Martins, C., Ferronato, M. A. , Simões, A., Maurense, V., Costa, F. & Koller, S. H. *Grupo focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco*. Arquivos Brasileiros de Psicologia. 2001.
- FRANÇA, Vera. *O Objeto da comunicação / A comunicação como objeto*. In: Teorias da Comunicação. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FISCHER, Rosa Maria. *O Mito na Sala de Jantar - leitura interpretativa do discurso infante-juvenil sobre televisão*. 2.ed., Rio de Janeiro, Movimento, 1993.
- FREITAG, Bárbara. *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*. São Paulo: Braziliense, 1988.
- GOMES, Maria; BARBOSA, Eduardo. *A técnica de Grupos Focais para obtenção de dados qualitativos*. Educativa, 1999.
- GOMIDE, Paula. *Crianças e adolescentes em frente à TV: O que e quanto assistem de televisão*. Biblioteca Dante Moreira Leite. 2009.
- HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. *Teorias da comunicação*. 2.ed., Petrópolis: Vozes, 2001.
- HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.), *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOTA, Alice Agnes. *A influência da violência dos desenhos animados sobre o comportamento das crianças*. Tocantins:2011.

NORBERTO, Telma. *Os desenhos animados e comportamento das crianças* [Trabalho de Pesquisado 4º ano]. Almada: Instituto Politécnico Jean Piaget – Escola Superior de Educação; 2005.

OLIVEIRA, Maria; GOMIDE, Paula; WZOREK, Luciane. *A influência do desenho animado violento no comportamento agressivo de crianças*. Revista Eletrônica da Faculdade Evangélica do Paraná, 2011.

PACHECO, E. D. *O Pica-Pau: herói ou vilão?: Representação social da criança e reprodução da ideologia dominante*. São Paulo: Loyola. 1985.

PONTES, Aldo; LIMA, Valéria Scomparim. *Educar Crianças para Mídia: uma ação necessária*. In: PONTES, Aldo (org.) *Infância, Cultura e Mídia*. São Paulo: Zouk, 2005.

RÜDIGER, Francisco. *A escola de Frankfurt*. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Imagem, cognição, semiótica, mídia, Iluminuras*, São Paulo: Iluminuras, 1998.

SOUZA, Maria Abigail. *Crianças violentas uma realidade dos nossos dias?* São Paulo. 1999.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WOLF, M. *Teorias da comunicação*. 6.ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

WOLTON, D. *Elogio do grande público: Uma Teoria Crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 1996.

FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.), *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001

Site: <http://www.guiainfantil.com/>, acesso em: 21 de agosto de 2013.

Site: www.sbt.com.br

ANEXO A – Roteiro de Entrevista

- 1- NOME
- 2- IDADE
- 3- SÉRIE
- 4- O QUE MAIS TE CHAMA ATENÇÃO NA FRENTE NA TELEVISÃO?
- 5- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ ASSISTE AOS DESENHOS?
- 6- VOCÊ COSTUMA ASSISTIR AOS DESENHOS SOZINHO (A)?
- 7- SEUS PAIS DEIXAM VOCÊ ASSISTIR O QUE QUISER OU ELES ESCOLHEM O QUE VOCÊ PODE ASSISTIR?
- 8- VOCÊ JÁ TENTOU IMITAR O QUE OS PERSONAGENS FAZEM NA TELEVISÃO?
- 9- O QUE VOCÊ ACHA DOS PERSONAGENS?
- 10- SE VOCÊ PUDESSE ESCOLHER UM, QUEM VOCÊ SERIA? POR QUÊ?
- 11- VOCÊ GOSTA DE TUDO O QUE VOCÊ ASSISTE?
- 12- SE VOCÊ PUDESSE MUDAR ALGUMA COISA NOS DESENHOS ANIMADOS, O QUE VOCÊ MUDARIA?

ANEXO B – Depoimento dos Alunos

Abaixo vamos conferir um pequeno resumo dos depoimentos dos dez alunos que formaram o Grupo de Foco. Outros temas sobre outros desenhos exibidos no SBT foram discutidos com os alunos nas duas tardes de estudo, porém, esses são os principais depoimentos, e os mais marcantes, que demonstram o quanto os desenhos influenciam as crianças.

Entrevistado 01: Luiz Henrique, 12 anos, quinto ano.

O que me chama atenção na frente da televisão são os personagens, os mais briguentos. Eu assisto aos desenhos todos os dias, quando minha mãe e meu irmão estão em casa eles assistem comigo, mas quando ela está no trabalho ela me deixa livre para eu assistir, ela sabe o que eu assisto, e não proíbe nenhum.

Entrevistado 02: Fernanda, 12 anos, quinto ano.

Meu desenho preferido é Tom & Jerry, porque eu acho eles engraçados, daí o pequeninho sempre ganha, o grande sempre se dá mal e aí a gente se diverte. Assisto aos desenhos sempre que estou livre pela manhã. Meu pai e minha mãe trabalham, eu fico com minha avó, aí eu escolho o que assistir. Os desenhos que eu assisto geralmente não tem violência. De vez em quando dá vontade de imitar o que eu vejo lá, eu já tentei, mas em frente ao espelho porque se eu fizer na frente de alguém vão dizer que eu estou fazendo palhaçada. Eu acho os personagens engraçados, mas tem algumas coisas lá, como brigas, por exemplo, que eu acho que não precisava ter, como casos de violência, casos de acidente e morte, coisas que não precisava ter, eu penso que podia ter só coisas engraçadas.

Entrevistado 03: Eduarda, 10 anos, quinto ano.

Eu acho muito legal o ursinho Pooh. De domingo, às vezes minha mãe e meu padrasto estão fazendo o almoço daí eu fico sentada no sofá e às vezes eles sentam comigo e assistem, mas em todos os momentos que eu assisto eles estão por perto. Dependendo do desenho eu não gosto, por exemplo, esses de ação, quando tem essas coisas eu costumo mudar de canal porque eu não gosto, procuro coisas mais educativas. Quando eu era pequena eu tentava imitar alguns personagens, eu brincava de princesa. Eu gosto do burrinho do ursinho Pooh, eu acho ele bem engraçado. Eu não acho tudo o que eu assisto legal, eu não gosto quando eles brigam.

Entrevistado 04: Larissa, nove anos, terceira série.

O meu preferido é Tom & Jerry, porque eles brigam o tempo todo. Eu assisto os desenhos quando eu não preciso cuidar do meu irmão, meus pais vão trabalhar e eu assisto sozinha. Meus pais deixam eu assistir, tem uns desenhos que apresentam agressividade e teimosia, outros não. Eu não gosto muito de X Men, tem alguns desenhos que eu acho pesado demais.

Entrevistado 05: Isabel Quaresma, oito anos, terceira série.

De todos, o meu preferido é Barbie, Clube das Winx e Tom & Jerry. Tom & Jerry são meus favoritos porque eles fazem coisas engraçadas. A Barbie eu gosto porque é só de meninas. Eu assisto aos desenhos toda semana e no sábado. Às vezes meus pais assistem comigo, às vezes eu assisto sozinha porque pra mim é melhor. Meus pais deixam eu escolher o que assistir. Eu já tentei imitar os personagens várias vezes, no meu aniversário eu tentei imitar as Winx, tentei voar com uma asa de brincadeira. Eu gostaria de ser a Barbie. Pra mim, os personagens são inteligentes, mas aqueles que a gente assistiu, eu achei um pouquinho mais agressivo pra minha idade, mas é muito legal de assistir.

Entrevistado 06: Cainan da Silva, 12 anos, sexto ano.

Meu favorito é Mutante Rex, porque ele é muito violento e tem adrenalina. Eu assisto sempre que eu to em casa, o que mais me prende na frente da televisão é a violência. Meus pais tentam controlar o que eu assisto, mas quando eles saem de casa eu olho, eu prefiro assistir com meus amigos. Os desenhos que eu assisto tem violência. Eu gostaria de ser o Super Men e o Batmann, porque eles são fortes e invencíveis. Eles são mortais, mas são violentos. Uma coisa que tem de errado nos desenhos é a linguagem, fala muita besteira e coisas que não pode”.

Entrevistado 07: Ederson, 12 anos, sexto ano.

Meu favorito é Mutante Rex, porque tem mais ação e o corpo dele se transforma, e é legal o jeito que ele fala. O que mais me chama atenção é quando ele está brigando com as pessoas e não dá tudo certo. Às vezes eu assisto sozinho, outras com meu irmão, mas meus pais nunca assistem porque eles trabalham. Às vezes minha mãe fala pra eu não assistir, mas eu assisto mesmo assim, às vezes até apanho. Esses desenhos são violentos, e eu tento imitar eles, eu e meu irmão já tentamos imitar e começamos a brigar, minha mãe teve que ir lá e separar eu e ele. Eles são engraçados e brigam bem, mas tem algumas coisas que não tem nada a ver porque as coisas acontecem no mesmo lugar, é uma viagem, e eu fico tentando achar outra solução pra eles saírem das brigas.

Entrevistado 08: Eliéser, nove anos, terceiro ano.

Meu desenho favorito é o Ben 10, porque ele é bom pra mim. A mãe disse pra eu assistir pra comprar um relógio daqueles pra eu botar no pulso e ganhar superpoderes. Eu assisto todos os dias com meus amigos. Meus pais sabem o que eu assisto, e tem alguns de bobagem que eles não me deixam assistir, mas o que da de manhã não tem problema. Já tentei imitar alguns personagens, mas não deu muito certo, já caí tentando imitar o Homem-Aranha e me machuquei. Eu gostaria de ser o Ben 10. Eles são mais lutadores.

Entrevistado 09: Gustavo Siqueira, oito anos, terceira série.

Meu desenho preferido é o Max, porque ele faz as missões, procura os cristais e vai na selva e tem a amiga dele que sempre faz as missões junto com ele. Eu assisto todo dia, sozinho, porque meus pais estão trabalhando, mas eu falo pra eles o que eu assisto. Esses desenhos tem luta e briga. Eu gostaria de ser Scobidoo porque ele é mis engraçado e tem uma máquina do mistério e vão pra missões de fantasmas. Já tentei imitar os personagens lutando, mas não consegui, até tentei pular do sofá. Esses heróis são engraçados e amigos, eu prefiro os desenhos que não tem luta mais agressiva, mas o que tem um pouquinho de luta. Eu queria mudar as lutas e os tiros do SBT, tudo o que eles fazem de mal porque eu acho que está exagerado demais isso.

Entrevistado 10: Gustavo Rodrigues, oito anos, terceira série.

Eu gosto do Ben 10, força alienígena, porque tem um monte de bichos com poderes, poder de chama, de fogo, de brasa, e se ele encostar ele pode pegar o poder de outros. Eu assisto todas as manhãs, geralmente sozinho. Eles me deixam assistir tudo no SBT. Já tentei imitar alguns personagens, dá vontade de fazer as mesmas coisas que eles, eu gosto quando os personagens atiram os raios nos olhos dos inimigos. Os heróis da TV são engraçados.